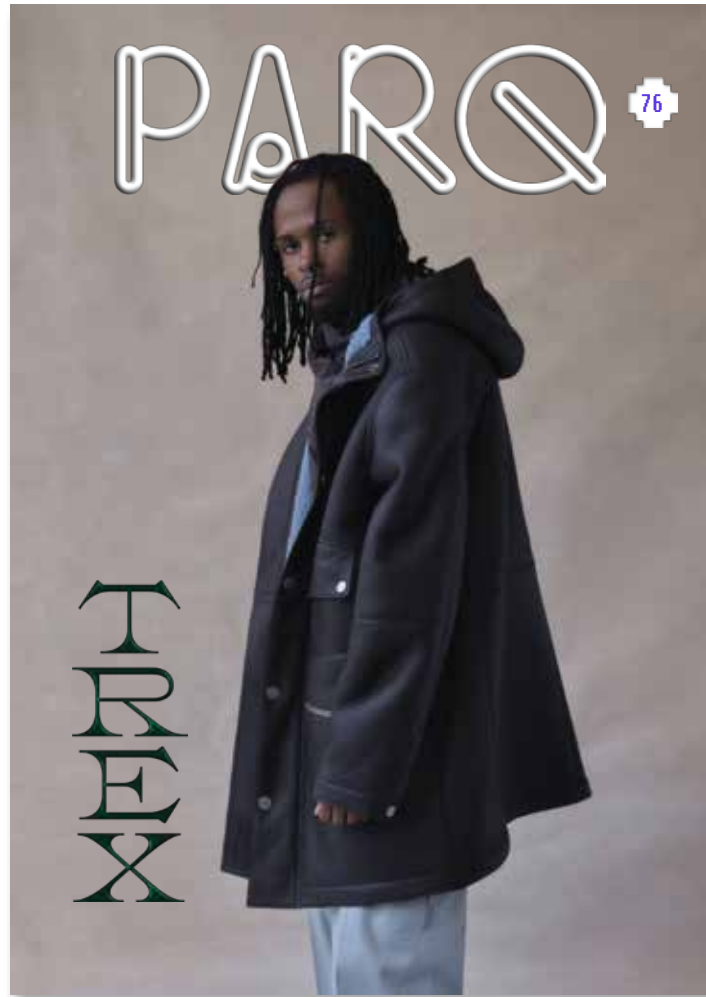


PARO

76



HERITAGE



www.parqmag.com
 facebook /parqmag
 instagram /parqmag
 youtube /parqmag

foto **MARIA RITA**
 fashion **TIAGO FERREIRA**
 make-up **VERÓNICA ZOIO**
 talent **T-REX**
 full look **HERMÈS**

TEXTOS Adriana Veríssimo Silva, Alex Couto, António M. Barradas, Beatriz Nascimento, Carla Carbone, Francisco Vaz Fernandes, Lara Mather, Manuela Marques, Maria São Miguel, Marta Vieira, Miguel Constantino, Patrícia César Vicente, Rafael Vieira, Rita Ramos, Roger Winstanley, Sara Madeira, Sofia Seixo Garrucho, Telma Costa, Titus, Vânia Moura • **FOTOS** Cristiana Morais, Diana Neto, Elisabeth Teixeira, Maria Rita • **ILUSTRAÇÃO** Effe News, Manuel Branco • **STYLING** Mafalda Martins, Maria Nobre, Raquel Guerreiro, Tiago Ferreira

PERIODICIDADE Bimestral • **DEPÓSITO LEGAL** 272758/08 • **REGISTO ERC** 125392
EDIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda. • **NIF** 508 399 289 • **PROPRIEDADE** Conforto Moderno Uni, Lda. • Rua Quirino da Fonseca, 25 – 2oesq. / 1000—251 Lisboa, Portugal
TELEFONE 00351 218 473 379 • **IMPRESSÃO** Suspensa. Disponível edição on-line.
DISTRIBUIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda. • **DIRECTOR** Francisco Vaz Fernandes *francisco@parqmag.com* • **EDITOR** Conforto Moderno • **EDITOR DE MODA** Tiago Ferreira *tiagoferreiraadn@gmail.com @iamtiagoferreira* • **DESIGN** Valdemar Lamego *www.valdemarlamego.com* → A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da Parq. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 — 2022 PARQ.

YOU MUST	06	THE MIST
	08	NOPE
	10	FATHER, SON AND HOUSE OF GUCCI
	11	ONLY MURDERS IN THE BUILDING
	12	COISAS SEM DIREITO
	14	WOLFGANG TILLMANS
	28	PLATO
	34	LONDON DESIGN FESTIVAL 2022
	48	ESCULTORA DE LUZ
	56	FLAWS & RIDDLES
	74	VIRTUAL GARDEN
	75	BIRKENSTOCK
	76	TREK
	77	H24
SOUNDSTATION	80	AYA
CENTRAL PARQ	86	SOUS
	96	SHIRIN NESHAT
	106	VALÉRIO ROMÃO
	112	T-REX
FASHION EDITORIAL	126	LAYERS FOR FALL
	140	GENZ
PARQ HERE	158	FOGO
	160	MATIZ
	162	BOA-BAO
	164	CRÓNICA PATRÍCIA CÉSAR VICENTE

THE MIST

O ritual de uma adolescência curiosa

texto António Barradas



Na idade na qual nascem pequenas esperanças, ao mesmo tempo que emergem grandes borbulhas, os momentos pelos quais ansiava assemelhavam-se a rituais. Havia uma beleza na espera, mesmo para quem roía todas as unhas até parecerem coutos, borrachas gastas ou um calipo derretido ao sol.

Era um momento de ansiedade a desvanecer-se com os números. 4 anos, já (não) posso comer cerelac, por não caber no bibe; 6 anos, posso ficar acordado para ver os Malucos do Riso; 8 anos, já posso ter alguma opinião e não andar 3 períodos com jardineiras vestidas; 12 anos, posso andar à frente no carro; 14 anos, posso beber as primeiras cervejas e aos 16... bem, aí foi um mundo a abrir-se. Pelo menos achei eu, enquanto fazia o buço e me preparava para uma segunda vida, sempre com um penteado à Manuela Moura Guedes nos anos 90, sem calças de fato treino vestidas e com mais pulseiras nos pulsos do que círculos no antebraço, a tatuagem da moda.

Ainda estava na flor dos meus 14, quase a entrar no secundário (onde não criaria raízes) e já tinha visto vários bolbos a fazerem promessas. No meio de todas aquelas, ditas da boca para fora, tal e qual perdigoto a sobrevoar um oásis de palavras vãs, houve uma que me ficou na retina. daquelas que fazem os pré-sonhos, vividos naquele fechar de olhos prolongado antes do culminar de um dia em velocidade cruzado, ser o tranquilizante perfeito para ansiar pelo amanhã. “Aos 16 anos, vamos ver o The Mist. Um dos meus filmes de terror preferidos. Só nessa altura, porque não tens idade para ver antes”, dito assim, sem aviso prévio e envolto num MISTicismo entusiasmante. Encarei como um desafio. A espera. Aquela que hoje só vem no dicionário pelo bom nome da língua, mas que é verbo completamente... outdated, para não desfazer da actualidade. Decidi cumprir com a minha palavra e arranjei um significado maior para quando fizesse 16 anos. Seria A idade –pré-sonhava eu.

Chegou o dia. Tudo o resto requeria atenção. Os pormenores de cada ritual são o que o torna singular. O meu era aquele. Há dois anos a guardar a certeza de que o meu aniversário não seria igual aos de sempre. Mesmo com as mesmas tradições, os clichês repetidos “nem acredito que já tens 16”, o bolo com o sabor a casa - mesmo enjoando à segunda dentada - e as feições formatadas para receber parabéns sem esboçar a reacção errada, na altura menos certa. O cenário estava montado. Uma televisão, um artefacto maya, ou como quem diz, um dvd, e a vontade

inigualável de ver aquele filme. Às escuras, como mandam as regras. Começou. A desilusão também. A expectativa vence por K.O a realidade, não lhe dando sequer hipótese de desforra. Um filme mal feito, previsível e sem qualquer tipo de susto, longe daqueles que fazem sair uma pinguinha. Foi uma montanha russa a descer a pique e a sensação de surpresa a sair-me do corpo, como se já tivesse desempenhado o seu papel.

Hoje mal me lembro do filme. Sei que tinha nevoeiro, pessoas a morrer e monstros estranhos a aparecer a cada três frames. Um clássico de sábado à noite num canal generalista. Não está no meu top 500, nem consigo mencionar dois actores de cabeça sem ter de ir ao IMDB. Tinha desligado a meio, caso o tivesse visto numa insónia ali entre os 19 e os 21. Porém, nunca me esquecerei dele. Do momento. Não das imagens, do ambiente, da história ou da mensagem. De toda a espera –que parecia eterna–, por algo que poderia ter feito sozinho. Sem dizer nada a ninguém. Mentir seria sempre a parte mais fácil. Aos outros, não a mim. Num mundo onde já não existem surpresas, é sempre o imprevisível o prato forte. Decidi fazer daquilo uma missão. Não ver até quando fizesse 16 anos. Os restantes 15, até então, tinham sido polvilhados de experiências feitas sem qualquer tipo de vontade de aguardar.

Os dezasseis passaram. Deixaram a saudade necessária para se tentar aproveitar mais os intes. Ou não, mas também não é relevante, visto que nunca aproveitamos nada na totalidade. O The Mist é péssimo, vale os 50 cêntimos numa banca da Feira da Bagageira, mas só se ficar bem como decoração de escritório. Mas nada disso interessa, na verdade.

Não podemos deixar que se percam os pequenos rituais. Seja com amigos, família ou com o vizinho que só vemos 6 vezes por ano no elevador. É esta impaciência medida a solução certa para desfazer rotinas, criando outras com o factor surpresa. Deixemo-nos absorver pela expectativa de algo surpreendente, mesmo não alcançando, nunca poderemos dizer que não fizemos por isso.



NOPE

Not of Planet Earth

texto Lara Mather



Depois de “Get out” e “Us”, Jordan Peele regressa aos cinemas com “Nope”, que estreou dia 18 de Agosto e como esperado, não desapontou. Misturando os gêneros de western, terror, ficção científica e comédia, o filme conta a história de dois irmãos, OJ e Emerald Haywood, que após a morte súbita e bizarra do pai passam a gerir sozinhos o rancho de cavalos da família.

Quando algo surge do céu e tenta destruir tudo aquilo que conhecem, decidem unir forças com Angel, um empregado de uma loja de produtos eletrônicos, e documentar a entidade desconhecida, ao mesmo tempo impedindo que cause possivelmente o fim do mundo. No entanto, o dono de um parque de diversões tenta lucrar com esta anomalia vinda do céu, querendo tornar o acontecimento numa atração.

Neste filme Jordan Peele procura explorar a natural curiosidade e a obsessão humana de transformar tudo num espetáculo. Para essa ideia de espetáculo Peele contou com uma equipa de sonho, a designer de produção, Ruth De Jong, com quem tinha trabalhado em "Us", criou os cenários perfeitos para a execução da narrativa e tanto o parque de diversões como o rancho dos Haywood foram completamente construídos de raiz. O incrível diretor de fotografia Hoyt Van Hoytema captou perfeitamente a atmosfera de cada cena, desde as cenas de dia às cenas noturnas sentimos o próprio ambiente em que as personagens estão inseridas absorvendo todos os detalhes. Os figurinos da autoria de Alex Bovaird são absolutamente impecáveis, bastante naturais para cada personagem. Os efeitos visuais que têm um papel muito importante neste filme, são magníficos.

Com um elenco brilhante constituído por Daniel Kaluuya, Keke Palmer, Brandon Perea e Steven Yeun é difícil não gostar deste filme. As dinâmicas são sentidas pelo ecrã, especialmente entre Kaluuya e Palmer que mostram a verdadeira essência de uma relação entre irmãos através do amor e da paciência que nutrem um pelo outro.

Não é o único filme de Jordan Peele em que Daniel Kaluuya aparece, tendo já aparecido em “Get Out”, nota-se uma clara cumplicidade entre os dois. Peele escreve para as personagens de Kaluuya e o ator bastante expressivo responde perfeitamente ao estilo de terror de Jordan Peele. Keke Palmer é simplesmente surpreendente e arrisco-me a dizer que partilho a opinião do público de que este é sem dúvida o melhor papel da carreira dela. Brilha durante todo o filme.

Brandon Perea faz a sua estreia num filme de Hollywood e aguenta bem a sua

performance ao lado dos grandes Daniel e Keke protagonizando um papel que o público facilmente reconhece e rapidamente se apegue. Steven Yeun que protagoniza "Jupe", o dono do parque de diversões, é uma personagem muito interessante com um passado traumático que traz um elemento sombrio e cuja performance deixa-nos arrepiados e desconfortáveis.

O realizador justifica o título "Nope" ou seja "Not of Planet Earth" por ser a primeira impressão que possa suscitar na mente do espetador que vir o filme. Resumindo, um filme incrível onde mais uma vez Peele faz magia na sua mistura de gêneros. Chamando protagonistas afrodescendentes apresenta algo novo, original e absolutamente inesperado.

“Nope” é para não perder.



FATHER, SON AND HOUSE OF GUCCI

texto Rita Ramos



Foi em 2016 que o realizador britânico Ridley Scott tomou o projecto da realização do filme sobre a dinastia Gucci como seu. Desde o início dos anos 2000 que se falava em Hollywood sobre transformar o livro de Sara Gay Forden em filme. O livro narra a tumultuosa história da família Gucci e a ascensão e conseqüente queda do império de moda italiana. Em 2021, House of Gucci estreou nos cinemas sendo logo um sucesso de bilheteira. Um filme com um elenco de luxo e desde cedo envolto em polémica, foi nomeado para inúmeros prêmios ganhando muitos deles.

House of Gucci centra-se na relação amorosa de Patricia Reggiani (Lady Gaga) e Maurizio Gucci (Adam Driver) e na ambição cega e desmedida de Patricia para controlar a marca de moda italiana. O casamento interesseiro e tóxico de Patricia com Maurizio arrasta toda a família Gucci, habituada ao glamour e a uma elevada posição social, para uma teia de intrigas, mentiras e crimes.

Um filme biográfico, cuja acção se inicia nos anos 80, e que foi acolhido pelos verdadeiros protagonistas com surpresa pois alegam que para além de não terem sido consultados, muitos dos acontecimentos retratados no filme não correspondem exactamente à realidade. A verdade é que House of Gucci acaba por ser uma realidade que ultrapassa a ficção sendo a história da família e a sua ganância o real motivo da marca de moda ter caído em desgraça e tendo sido apenas recuperada graças a investimentos estrangeiros que colocaram completamente de lado o poder da família sobre a marca.

O filme é bem estruturado e claro. A escolha dos actores é irrepreensível apesar dos protagonistas não terem sido as primeiras opções. Adam Driver, Al Pacino, Jeremy Irons, Salma Hayek e um irreconhecível Jared Leto dão corpo à família Gucci, enquanto uma talentosa Lady Gaga como Patricia Reggiani nos brinda com uma frase improvisada que se torna a imagem de marca do filme: Father, Son and House of Gucci.

Um filme em formato drama policial, demasiado extenso mas que tendo a assinatura de Ridley Scott não se permite ser cansativo. House of Gucci fica-nos como um bom filme mas uma assustadora realidade

ONLY MURDERS IN THE BUILDING

texto Lara Mather



A segunda temporada de "Only Murders in the Building", série de comédia criada e co-escrita por Steve Martin e John Hoffman, estreou dia 28 de Junho na plataforma Hulu e como era de esperar há um novo assassino à solta.

A primeira temporada trouxe a história de Oliver, Charles e Mabel, interpretados por Martin Short, Steve Martin e Selena Gomez, 3 vizinhos que residem no Arconia, um prédio em Nova Iorque. Após o falecimento misterioso de Tim Kono, um dos vizinhos, os três juntam-se no objetivo de decifrar as circunstâncias dessa morte. Criam um podcast em que vão revelando pistas até descobrirem quem é o assassino.

A segunda temporada começa onde a primeira acaba, têm agora um novo mistério para decifrar, descobrir quem matou Bunny Folger, a presidente do conselho administrativo interpretada por Jayne Houdyshell. Mantém-se o mesmo plot com o Podcast. Ao elenco fantástico juntam-se nesta temporada Zoe Margaret Colletti que interpreta o papel de Lucy. Cara Delevigne que interpreta Alice, um novo interesse romântico de Mabel mas que acaba por se revelar uma personagem controversa. Como na temporada anterior há igualmente a participação de uma celebridade, desta vez Amy Schumer.

A série com 17 nomeações para os Emmys 2022, incluindo melhor série de comédia, saiu vitoriosa em apenas 3 categorias: Melhor Mixagem de Som numa série de comédia, Melhor Design de Produção e Nathan Lane que interpreta Teddy Dimas venceu o Emmy de melhor ator convidado numa série de comédia. O público ficou chocado quando ambos Steve Martin e Martin Short foram nomeados para o Emmy de Melhor Ator em série de comédia, deixando de fora Selena Gomez que não mereceu nomeação na mesma categoria.

Esta temporada dá muito ênfase ao passado das 3 personagens principais mas com particular destaque à personagem de Selena Gomez que é Mabel a principal suspeita do homicídio durante alguns episódios. Trata-se da melhor atuação da atriz até à data, sem a sua personagem a dinâmica improvável não existiria, Selena traz juventude a série e torna a relação entre as personagens mais interessante, refrescando a experiência de dois veteranos da comédia que são Steve Martin e Martin Short.

Passamos a conhecer melhor os restantes vizinhos nesta temporada com tempos de cena individuais e sem a presença das 3 personagens principais, o que não aconteceu na primeira temporada. As deixas de comédia são brilhantes como sempre, o guarda-roupa e o design de produção absolutamente impecáveis, feitos muito à medida da personalidade de cada personagem e sempre com um sentimento muito nova-iorquino. O final deixa clara a intenção de uma terceira temporada à vista com um homicídio por resolver.

Estejam atentos a "Only Murders In the Building".

COISAS SEM DIREITO

texto Manuela Marques @ma_da_faca

“O Palácio” é um armazém de tralha, física e emocional, que necessitamos — nós, pessoas — para existir e habitar no mundo, ao longo da porção de tempo arrendada para tão efémera estadia. Este Palácio resulta, abundantemente, de um processo colaborativo, fazendo jus à dinâmica que garante a existência de todas as formas de vida, quer sejam orgânicas ou inorgânicas.

Lígia Soares e Paula Diogo, em cumplicidade com Crista Alfaiate e Diogo Alvim, propõem uma reflexão complexa à volta do conceito de «propriedade», através de um espetáculo desconcertante e imprevisível, que faz a audiência submergir no universo dos objetos quotidianos — um acervo de bens materiais, entretanto aposentados mas indispensáveis à subsistência da Humanidade.

“O Palácio” é um objeto artístico composto por objetos, inúteis e obsoletos, dos outros que — após uma angariação pública —, se amontoaram, ordenadamente, no palco do TBA (Teatro do Bairro Alto) ganhando uma dimensão cenográfica, pela sua recusa, para evitar o desperdício que seria conceber uma nova cenografia de raiz — algo deliberado e alinhado com o propósito do projeto —, dado ser, por norma, de carácter temporário e pouco, ou nada, reutilizável.

Colchões, estrados, mesas de jantar, mesinhas de cabeceira, candeeiros, canecas, copos, talheres, pratos, molduras, sofás, cadeiras, bancos, almofadas, frigoríficos, micro-ondas, bibelots, livros, sapatos, cobertores, skates, estantes, armários e caixas de cartão, com demais objetos... povoam o espaço. Artefactos, como estes, definem a nossa cultura material e materializam um pensamento sobre o Direito das Coisas⁽¹⁾ — onde se enquadra o sentimento de «posse» —, que advém de um comportamento tipicamente humano: Ter para Ser.

Possuir pressupõe o ato de aquisição, de algo, para consumo ou usufruto, havendo ou não uma necessidade primária, esta conduta é intrínseca à natureza Humana. Os homens quanto mais absortos numa sociedade consumista, cujo o desenvolvimento industrial e capitalista ascende, tendem a colecionar e a consumir invariavelmente, em quantidade e a novidade, acumulando objetos, móveis e imóveis. Conseguiremos reequacionar a vida, diária, subtraindo o supérfluo do que é, deveras, imprescindível? Será imaginável um cenário de total despojamento dos bens materiais?

Seja como for, e segundo o provérbio “a necessidade aguça o engenho”, temos de concordar que a cognição do Ser Humano espolta e progride pela sua relação com os objetos, uma vez que agilizam a nossa sobrevivência, facto que remonta ao início da evolução da espécie. A permanente necessidade do recurso a objetos narra a história da Humanidade e sustenta, também, a construção de uma identidade cultural. Esta circunstância em que o Homem precisa de solucionar, com sucesso, um problema, estimula o seu crescimento, pela ação do design (pensar-desenhar-conceber a forma-função das coisas), ou seja, a invenção e o aperfeiçoamento da tecnologia ditam o progresso — com os seus prós e contras.

Durante esta expedição, ao Palácio, são verbalmente debatidas, pelas intérpretes, várias anotações-dúvidas, acerca do nosso estreito vínculo a entidades inanimadas, destacando-se a ideia de longevidade das coisas-objetos, tudo o que criamos e vamos amealhando não desaparece, perdura. Por ironia, só nós desaparecemos, as coisas ficam como legado e/ou vestígio do nosso genus vivendi em determinada época.

Mesmo no caos, há beleza e a peça “O Palácio” é um formidável exemplo porque, por entre uma confusão de haveres alheios, abre lugar e recebe sem diferenciar vivalma. Sendo de forte cariz sensorial revela-se como uma experiência possível de ser percebida, vivida, por qualquer pessoa que, independentemente da sua condição, tanto no escuro como no silêncio a pode habitar.



«O PALÁCIO», de 07 a 11 Setembro, no TBA (Lisboa) | Conceção e Direção PAULA DIOGO e LÍGIA SOARES | Interpretação PAULA DIOGO, LÍGIA SOARES e CRISTA ALFAIATE | Música e Sonoplastia DIOGO ALVIM | Desenho de Luz RUI MONTEIRO | Assistência Desenho de Luz TERESA ANTUNES | Cenografia FERNANDO RIBEIRO e SAULO SANTOS | Pesquisa jurídica e Acompanhamento ONGD ANDRÉ STUDER | Direção de produção DANIELA RIBEIRO | Produção MÁ-CRIAÇÃO | Fotografia VERA MARMELO



⁽¹⁾ é um ramo do Direito que prevê e trata, juridicamente, o exercício dos direitos de Propriedade e de Posse sobre os bens (corpóreos e incorpóreos). Consultar: DE CARVALHO, Orlando; "Direito das Coisas"; GESTLEGAL; 2021

WOLFGANG TILLMANS

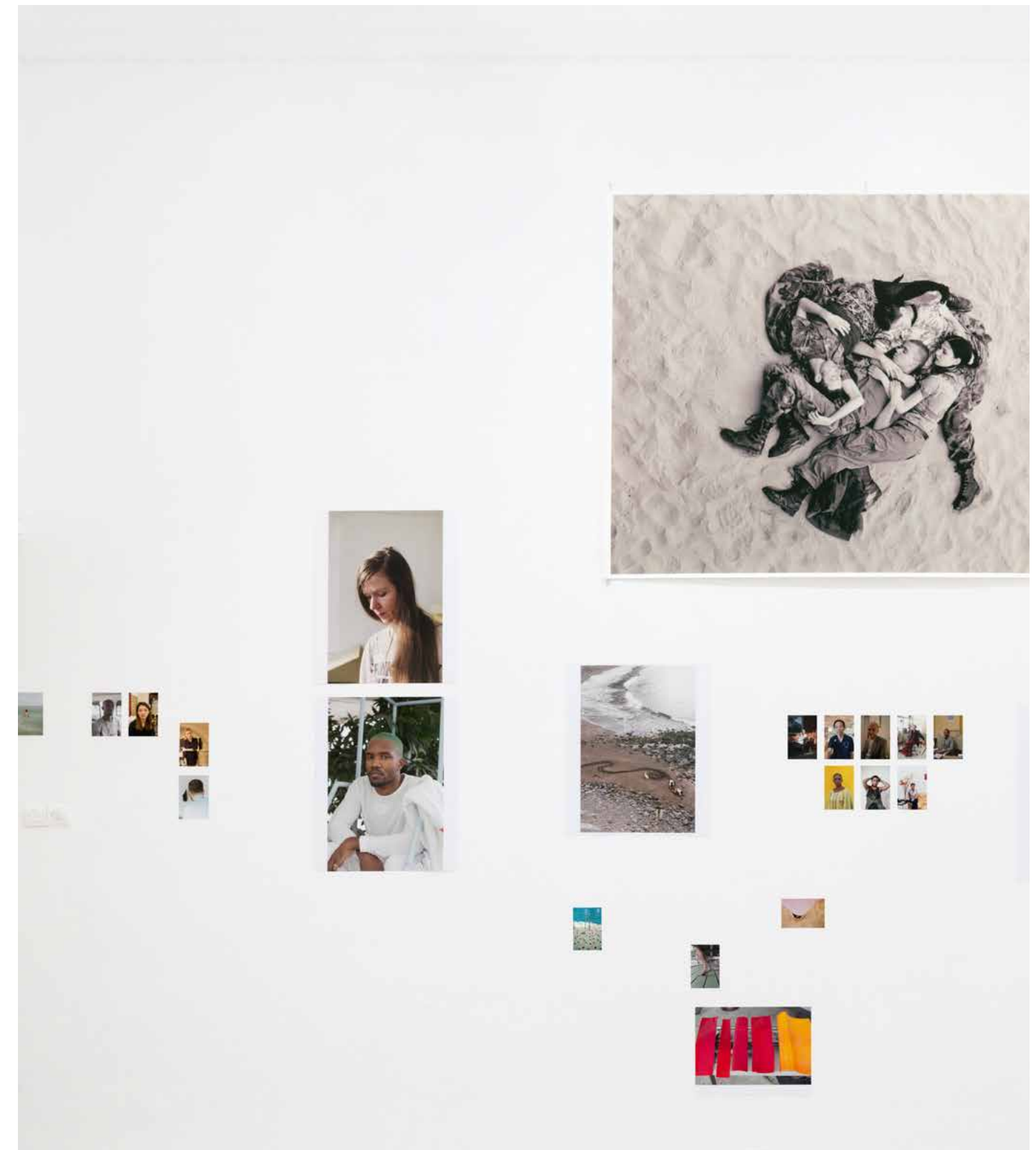
To Look Without Fear texto Francisco Vaz Fernandes

Um Olhar sem medo é o repto do Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova Iorque que organiza a primeira grande retrospectiva em torno da obra de Wolfgang Tillmans. Já apontada como um dos eventos culturais mais esperados neste início de temporada de Nova Iorque, a exposição cobre grande parte da produção iniciada nos anos 90 até ao Brexit.

O trabalho de Tillmans ganha relevância nos anos 90 em revistas de moda mais alternativas, como ID ou Purple. Os estereótipos de uma suposta fotografia de moda, eram ultrapassados por uma imagem imediatista que procurava documentar a vida tal como ela era. Eram instantes que depressa passaram a representar o espírito de uma geração nos anos 90. Ou seja, Tillmans procura nas suas imagens expressar as inquietudes, as suas e a daqueles em seu redor. Eram as questões relativas à identidade que se manifestavam por novas formas de expressão social e sexual que emergiam. Os modelos eram os próprios amigos e os locais fotografados, os espaços que frequentavam. No essencial, Tillmans procurava quebrar com todo o aspeto ilusionista que a fotografia em geral potencia, especialmente quando nos referimos aos ambientes idealizados e glamorizados da moda. Por isso ao percorrer esta retrospectiva, mesmo perante trabalhos mais antigos, tudo continua a parecer tão real, tão próximo das nossas vidas e por isso mesmo esta mostra mantém uma força vital e uma dimensão política atual.

É preciso dizer que Wolfgang Tillmans não ficou muito tempo na área da moda. Também nunca a refutou. As imagens que realizou nessa altura para revistas, rapidamente passaram a circular em galerias de arte, em simultâneo. Até num contexto expositivo procurava cortar com os cânones daquilo que se poderia designar como fotografia de arte e expunha as suas imagens impressas jato de tinta, coladas diretamente nas paredes. No conjunto, pareciam aqueles posters que cobrem as paredes de um quarto de adolescente. São imagens que representam o seu dia-a-dia, onde incluí retratos, paisagens ou composições de pequenos nada. Funcionam melhor em conjunto, são fragmentos de uma realidade própria, revelada, com a qual, muitos outros se podem identificar. Por isso, o seu conjunto fotográfico destaca-se por um pendor documental e é fácil encontrar uma relação com a produção fotográfica de Nan Goldin. A nova iorquina fotografou o submundo da sua cidade, espaços e comunidades onde encontrava conforto. Em Tillmans encontramos os clubs gays de Londres e Berlim, cidades onde o artista alemão residiu. Contudo, toda esta questão documental do desejo, suor e néons não esgota a perceção do trabalho do artista alemão que nos últimos anos tem procurado não só novos temas como outros media de produção de imagens.

Podemos dizer que desde sempre Tillmans foi observando os cânones das artes plásticas, e podemos encontrar nas suas fotografias alguns géneros da pintura clássica e moderna. Esta dimensão traz uma visão mais complexa questão que é explorada nesta exposição no MOMA. Numa das suas imagens mais memoráveis de 1992, os seus amigos Lutz e Alex aparecem empoleirados numa árvore, apenas com umas garras que mal cobrem a evidente nudez. Impressa pela primeira vez na revista ID, procura dar uma visão atual do tema bíblico de Adão e Eva, imensas vezes abordado e que aqui faz lembrar algumas representações medievais do tema. Relações com a paisagem e mesmo com a pintura abstrata podemos encontrar em outros trabalhos. Esta



- 1— Icestorm, 2001.
- 2— Lutz and Alex sitting in the trees, 1992.
- 3— Smokin Jo, 1995.

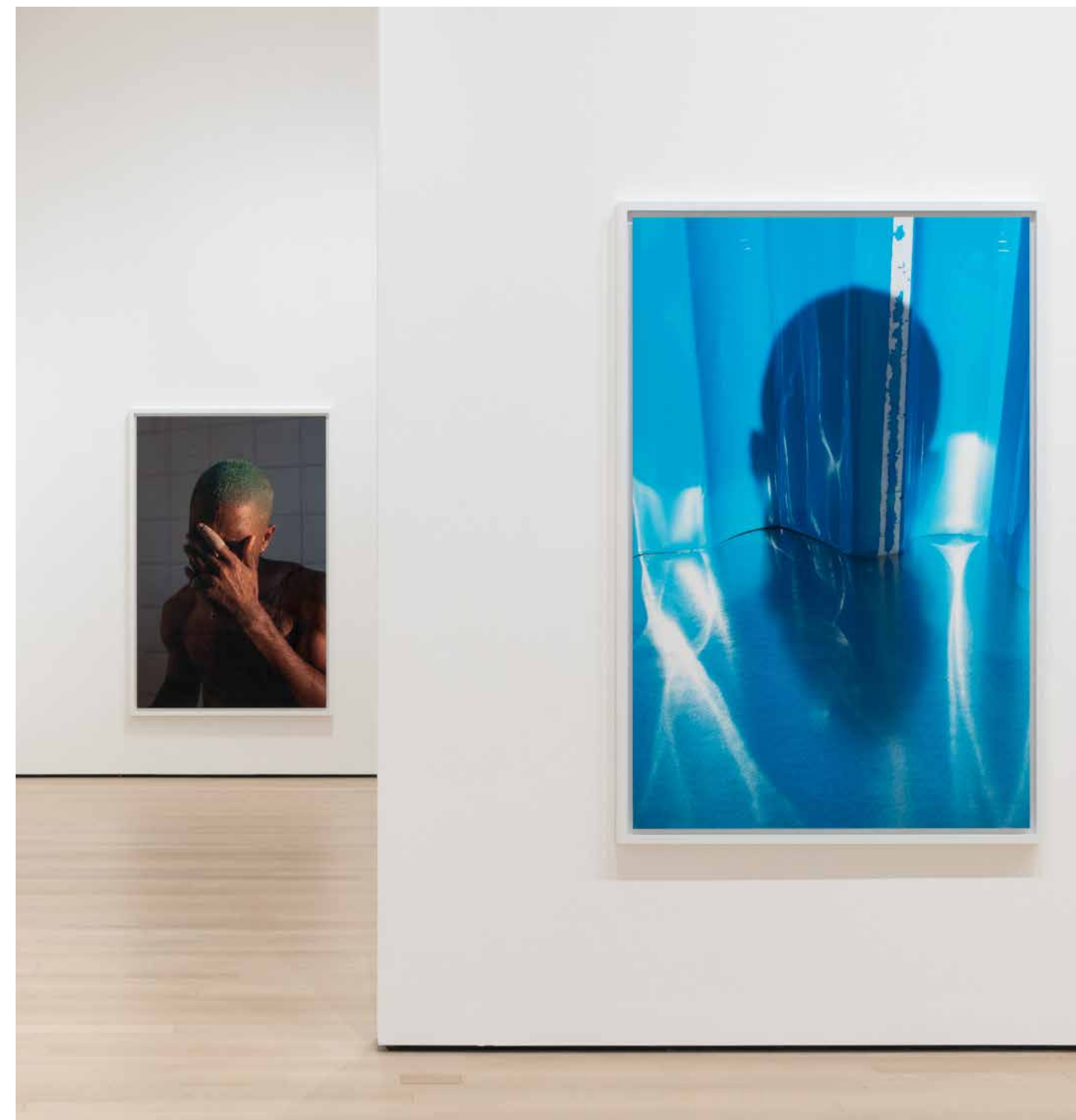


evidencia foi ganhando espaço, agora que o tema do amorismo e espontaneidade experimental que surgiam nos anos 90 parecem estar esgotados, perante a onnipresença de câmaras e a produção de imagens circunstanciais que dominam as redes sociais.

A curadora não procurou uma organização cronológica da produção de Tillmans. Também não optou por uma exposição temática que também seria possível. Nas 11 salas da mostra, os 400 trabalhos, parecem pulverizados pelo espaço encontrando o seu lugar, sem aparente racionalidade. Parecem amontoados e aparentemente procuram entre si, encontros não evidentes. Daí que no final surja na montagem poética e onde prevalece a espontaneidade. Por isso a imagem de dois rapazes a beijarem-se em *The Cock (Kiss)* (2002) encontra o seu lugar ao lado de ondas maciças de líquido cromado de natureza abstrata em *Freischwimmer 230 (Free Swimmer 230)* (2012). Apesar de temáticas tão diferentes e de épocas dispares procuram despoletar alguma emoção nova. Cada uma é o fragmento de uma história, uma traz a lembrança um clube gay de Londres e a outra, criada uma década depois, resulta de efeitos químicos manipulados na câmara escura. Foram criadas para o Berghain, o famoso clube noturno de Berlim.

No MoMA encontramos imagens que se estendem de cima a baixo pelas paredes sem aparente ordem. Cada uma é como se fosse uma página arrancada ao diário da vida do artista. Por isso cada imagem é um fragmento, uma parte de um conjunto e nunca é um absoluto. Os hiatos entre as imagens também tem a sua importância. Elas não definem uma linha condutora mas um ambiente. As histórias e a energia que dali podem surgir são reconstruídas dependente de quem as olha.

A par das obras expostas nas paredes, a questão documental que acompanha a retrospectiva ganha relevância encontrando suporte em expositores que se encontram no centro das salas. A sua observação cria relações com as imagens expostas. Em algumas delas podemos perceber os contextos em que muitas das suas imagens se realizaram.



Wolfgang Tillmans
To look without fear
MoMa, Nova Iorque
Até 1 Jan 2023



Frank in the shower, 2015



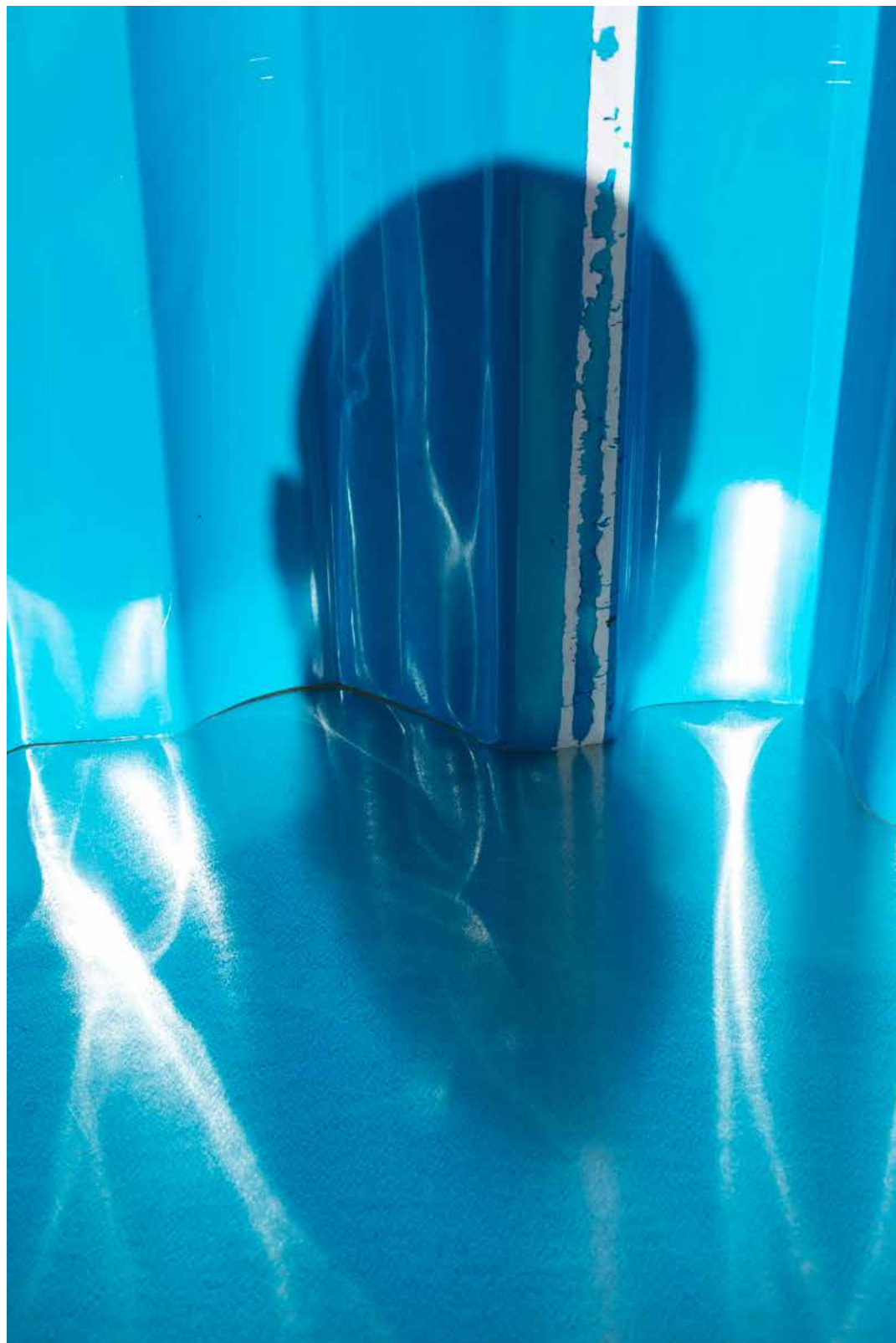
August (self portrait), 2005



Freischwimmer, 2012



Silver, 2013



Blue (self portrait) Shadow, 2020



Lueneburg self, 2020



Icestorm, 2001



Still-life, New-York, 2001



Smokin Jo, 1995



Lutz and Alex sitting in the trees, 1992

PLATO

entrevista por Francisco Vaz Fernandes

A capital do Alentejo recebe uma galeria de arte contemporânea. A Plato é um projeto de Diogo Ramalho Fernandes, um arquiteto que se mudou para Évora. O contexto cultural e artístico no seu entorno já existia e no final, uma galeria de arte contemporânea era uma necessidade que abre agora com uma exposição que reúne 13 mulheres.

Como surgiu a oportunidade de abrires uma galeria de arte contemporânea?

Em 2021 comecei a sair com mais frequência de Lisboa e passar mais tempo no meu monte alentejano perto de Évora. Comecei a aperceber-me que me concentrava mais a trabalhar, a produzir e a criar. Que efetivamente tinha tempo para pôr em prática todas aquelas ideias engavetadas que se vai adiando indefinidamente durante anos. Esta ideia da galeria estava em hibernação e foi completamente ativada quando descobri este espaço em Évora, onde é agora a Plato. A partir daí foi um processo orgânico para a criação da galeria.

Que experiência trazias nesta área?

Eu sou arquiteto e designer gráfico, faço algumas exposições com o meu trabalho como artista visual e tive também alguns projetos como curador nos últimos anos. Estas áreas intersectam-se em vários pontos e trago esta diversidade e multidisciplinaridade agora para este novo projeto.

Porque abrir uma galeria de arte contemporânea em Évora?

Antes de mais, porque é essencial descentralizar de Lisboa e Porto os focos artísticos e culturais. É extremamente importante entender que nos devemos alargar pelo território e não concentrar tudo num só. E faz todo o sentido, Évora é uma cidade incrível, com um património notável. Está perto de Lisboa e perto de Espanha. Mas precisa, tal como o resto do Alentejo, de mais habitantes, mais ideias, de mais projetos para além daqueles que já existem, que ajudem a dinamizar a cidade e região.

Como caracterizas o teu novo projeto?

A PLATO é uma plataforma multidisciplinar de criação, experimentação, produção comercialização dedicada à arte e ao design. É um atelier, laboratório e galeria.

É um convite à confluência das várias práticas artísticas. O espaço era uma peixaria, e agora galeria, com um programa curatorial diversificado de exposições. Como galeria pretende atuar a nível local e global, promover artistas e curadores nacionais e internacionais, consolidados ou emergentes, e fomentar um diálogo constante com os vários públicos. Mas, muito importante, é um espaço aberto de diálogo, onde pretendo que qualquer pessoa se sinta livre para entrar e propor qualquer espécie de trabalho ou colaboração.

Relativamente ao projeto inaugural, qual é a proposta?

O projeto inaugural 'I Think I Made You Up' fala de ciclos. Ao falarmos de ciclos, falamos da sucessão do tempo, da marcação de um começo, de um primeiro ciclo. Neste início da Plato procurou-se expor a construção, a infraestrutura do processo de conceção, de criação de ciclos e da sucessão destes.



Imperfect Reality, Joana Passos de Almeida

A exposição foi buscar o seu título ao poema de Sylvia Plath, Mad Girl's Love Song. 'I Think I Made You Up' insere-se no campo da composição de elementos (reais ou imaginados) e da construção orgânica dos sentidos.

Trouxe-se para o mesmo espaço treze participantes, de várias gerações e com um corpo de trabalho multidisciplinar e diferenciado entre si. Cada uma das artistas da exposição, através do seu trabalho, evidencia o seu mundo, real ou imaginado, e com isso expõe a estrutura do seu processo de criação, com todas as certezas e todas as fragilidades. Os diferentes trabalhos exploram os temas do corpo e esfera pessoal, da paisagem e esfera coletiva, do fugaz e do contínuo e transformado em arquivo.

Porque uma exposição com mulheres?

Para diversas culturas ancestrais, o número 13 representava o poder feminino, por corresponder ao número de ciclos lunares, menstruais, existentes num ano. É uma exposição, que tal como já referi, fala de criação, de ciclos. Quis juntar a isto a simbologia do número 13, das treze artistas (Catarina Neves Ricci, Catarina Real, Delia Hamer, Elisa Azevedo, Joana Passos de Almeida, Joana Rebelo de Andrade, Maria Luísa Capela, Maria Souto de Moura, Mariana Paiva Rebola, Mariana Sanchez Salvador, Matilde Nicolau de Almeida, Nininha Guimarães dos Santos e Paula Guimarães). Marca o início, a criação, um novo ciclo.

Que outros projetos tens em calha?

A Plato está a estruturar a programação de 2022 e 2023, não posso entrar em muitos detalhes sobre os próximos eventos ou exposições. Mas após o fecho desta exposição inaugural iremos ter uma exposição individual com um projeto bastante interessante ligado à arquitetura e outra exposição coletiva que se centra na temática do lugar e da nostalgia.

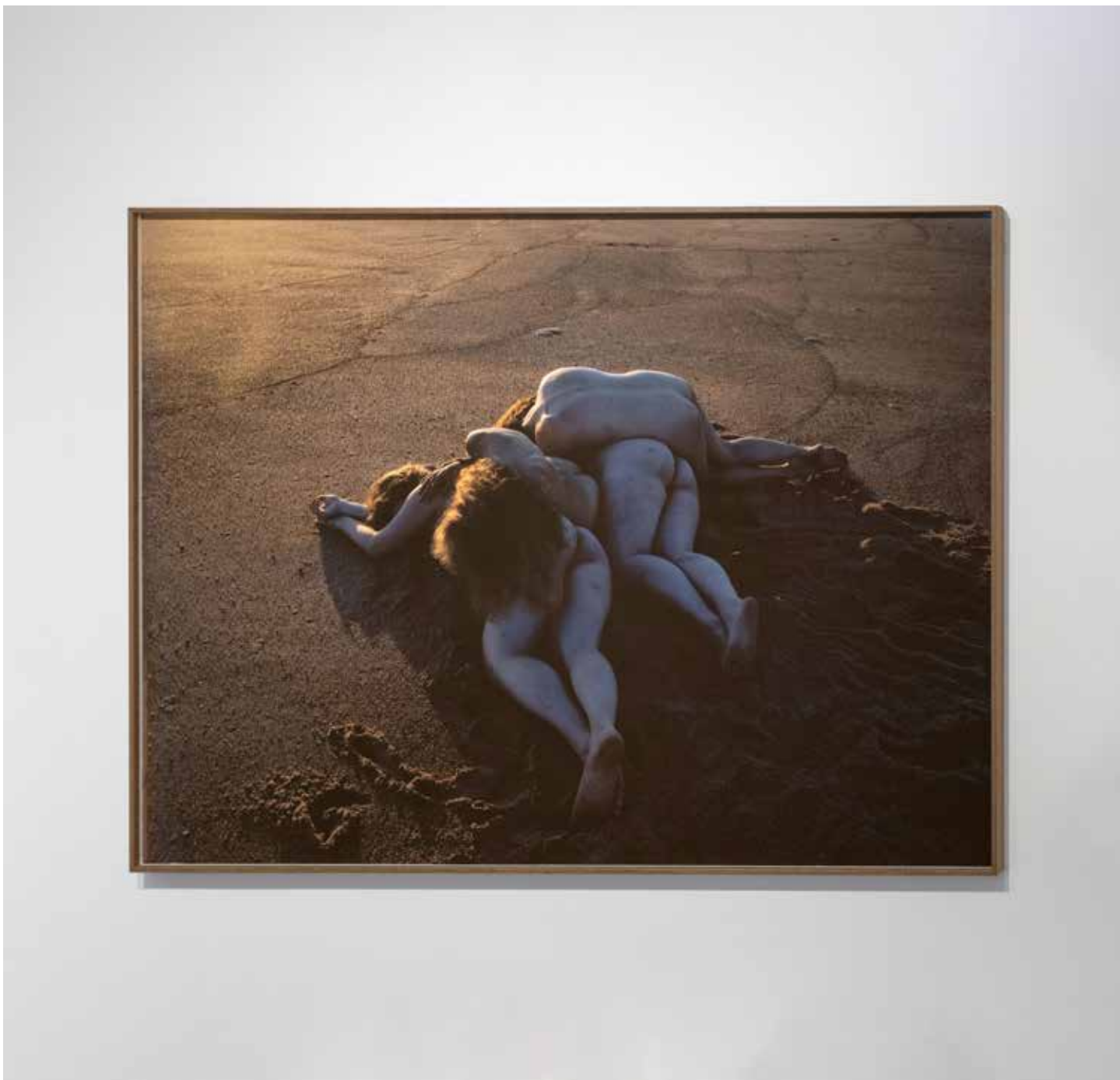
Como é o panorama de arte contemporânea local, uma vez que já tem uma escola de arte há vários anos?

Está-se a formar no Alentejo um núcleo artístico (Montemor, Évora e Elvas) bastante interessante nas várias tipologias (residências artísticas, museus, colctivos, galerias). Penso que estamos a assistir à formação de um conjunto de entidades culturais com bastante peso e que irá ter bastante impacto no futuro.

Plato
Rua Lagar dos
Dízimos 4, Évora
telf +351 919 937 174
www.galeriaplato.com
@plato_pt



Corpo, Elisa Azevedo



Limbus, Paula Guimarães



LONDON DESIGN FESTIVAL 2022

texto Francisco Vaz Fernandes

Mais uma vez a London Design Festival (LDF), celebrou em nove dias (17 a 25 de setembro) o melhor que se faz em termos de design de forma alargada. Na sua vigésima edição contou com uma programação com cerca de 300 atividades incluindo exposições, instalações, palestras e eventos. Hoje a LDF, dada a sua dimensão é presença em grande parte da cidade de Londres, o que torna esta cidade uma verdadeira capital mundial do design. Há 20 anos inaugurava apenas com 35 eventos e o seu crescimento exponencial explica-se por uma dinâmica instalada em Londres que, apesar do Brexit, acolhe o maior número de jovens criativos à procura de uma oportunidade. Por tudo isso, quem vem à semana do design de Londres não vem a procura das grandes marcas ou dos grandes nomes no mundo do design, pelo contrário procura ser surpreendido e inspirado pelo tecido criativo da cidade e encontrar jovens valores que aqui proliferam. O papel que o design pode desempenhar na resposta a alguns dos maiores problemas que enfrentamos ao nível do bem-estar, sustentabilidade ou mudanças climáticas foram temáticas transversais a todos os projetos expostos. São problemáticas que frequentemente aparecem plasmadas nas criações dos jovens que estão a merecer maior atenção.

Vamos destacar 3 projetos que podiam ser inspiradores.

LDF/22 Unfamiliar Forms

Unfamiliar Forms é uma exposição onde a arte imiscui-se na área do design e vice-versa. Decorre no SET Studios em Kensington e junta 16 artistas, designers e artesãos emergentes. As obras apresentadas são lúdicas e subversivas confrontando as fronteiras entre a arte e design. Entre os expositores estão, Mariadela Araújo que trabalha resíduos têxteis e que aqui ganham a forma de vasos e esculturas, Anouska Samms, que integra cabelos humanos em vasos de cerâmica. Dea Domus e Abid Aved emergem nas suas tradições ancestrais reinventando formas a partir de associação de novos materiais. A mostra tem curadoria da designer Kristina Kazantseva, conhecida pelos seus sumptuosos tapetes.



Anoushka Samms Design



Abid Javed

Dea Domus



Charlie Boyden



La Haceria –Mariadela Araujo



LDF/22 Two Keatles, No Sofa

Este projeto, um dos mais falados nesta edição é uma história de amor. Tendo como inspiração a alegria e a estranheza de viver junto, esta instalação na Galeria Seeds foi projetada por um casal, o designer James Shaw e a escritora Lou Stoppard. Apresenta um conjunto de móveis surreais desenhados por Shaw, entre outros objetos de design. A exposição é simplesmente deslumbrante e recria um ambiente doméstico fictício, contando a história dos gostos em conflito de um casal que em conjunto tenta criar um lar. A exibição foi influenciada por um conto escrito por Stoppard, que foi inspirado no trabalho de Shaw.



Two Kettles no Sofa, James Shaw



Two Kettles no Sofa, James Shaw



Two Kettles no Sofa, James Shaw



LDF/22 MATERIAL MATTERS DESIGN FAIR

Em Material Matters que se realizou no Oxo Tower Wharf, o foco foi o futuro dos novos materiais usados no design, abordando questões como circularidade e sustentabilidade. Um dos mais interessantes é Alkesh Parmar que tem explorado a reciclagem da casca de laranja para realização dos seus projetos. Hagen Hinderdael apresenta Swivel, um conjunto de peças feitas a partir de açúcar fermentado impresso em 3D e fibra de madeira. O trabalho têxtil de Majeda Clarke combina influências de Bangladesh à Bauhaus e visa conectar-se à tecelagem tradicional ameaçada pela produção em massa. Nesta exposição encontramos projetos que vão dos móveis ao têxteis passando para a cerâmica.



Alkesh Parmar, Materials Matter



Hagen, Hinderdael



Fora Form



Zena Holloway, peças realizadas com raízes de ervas



Stuart Haygarth



ESCULTORA DE LUZ

Letícia Maldonado

texto Rafael Vieira

fotos Jordana Sheara

Letícia Maldonado é uma artista norte-americana que trabalha com vidro e com a luz, esta encapsulada naquele para materializar formas simbólicas ou figurativas. Esta pulsão criativa toma forma pelo exercício da destruição criativa ou pelo fluxo da improvisação.



Começaste na ilustração e evoluíste para a escultura em vidro. Como é que se processou essa evolução, houve algum momento de epifania?

Essa descoberta foi muito pragmática para mim. Cheguei a um ponto em que percebi que estava interessada em tantas técnicas diferentes e sentia que a ilustração, só por si, não me sustentaria à medida que envelhecesse. Eu ponderei um pouco e pensei: “Preciso de escolher algo para empreender e comprometer-me a dominar a um nível em que me possa tornar autónoma nas artes criativas”. Então escolhi néon como ofício, para possivelmente trabalhar numa loja de sinalização. À medida que as competências cresciam, descobri que podia pegar nos meus desenhos e na minha autoexpressão e ‘incendiá-los!’. Isto abriu a minha mente e comprometi-me com isso. Agora quase nunca aceito encomendas e não tenho interesse em trabalhar numa loja de sinalização. Eu também aprendi bartending só para ter outra via para me sustentar e tirar a pressão comercial da minha expressão criativa, para focar-me apenas na minha arte. Para vincular isto à identidade, penso que o trabalho de fazer arte é uma conversa contínua com o próprio, sobre a vida que está a viver; desta forma, é um desenvolvimento da identidade.

Como é que descreves o teu processo criativo? Envolve um primeiro momento de desenho antes da concepção ou também deixas a criatividade fluir e improvisas completamente? Referes que usas “destruição criativa”; o que é?

Para mim funciona em ambas as direções. Apesar de ser após anos de prática, sou agora capaz de aproveitar o último. Como há um elemento de segurança e quero ter a certeza de que não estou a criar um risco de incêndio, é importante entender as limitações do ofício e as ‘regras’ das melhores práticas para criar peças de vidro duráveis. No início, a maioria do que eu fiz foi no sentido tradicional, começar com um desenho, transformá-lo num padrão, depois trabalhá-lo. Agora que tenho mais anos de compreensão do vidro nas minhas mãos, sou capaz de trabalhar um pouco mais livremente e ir diretamente para o vidro e improvisar com o que posso ver na minha mente.

Muitas vezes tenho um ímpeto de inspiração e quero ir diretamente para ao vidro para obter satisfação, e faço o máximo que posso à mão livre, talvez apenas referindo um pequeno rabisco da forma que persigo. Mas a um dado momento eu tenho que me trazer de volta à terra e desenhar um pouco mais concretamente, porque há um elemento de engenharia numa peça de néon. Eu tenho que pensar com antecedência onde é que a eletrónica vai, como posicionar tudo para que a instalação eletrónica não interfira na expressão artística. E a minha parte favorita (sarcasticamente), é que tenho que pensar como aceder às partes internas para futuras reparações. Nalguns dos meus primeiros trabalhos, eu juntava tudo como se fosse durar para sempre e nunca precisasse de reparações, mas depois aprendi o quão impraticável isso é.

Destruição criativa é aquele sentimento de experimentar a expressão criativa, seja através do próprio trabalho ou do de outra pessoa, que resulta num metafórico pontapé no peito. Como a sensação do coração a abrir-se para libertar alguma forma oprimida e expor algo novo e terno, como resposta a uma verdade não nomeada. Algo numa obra de arte reconhecida primeiro pela sua alma e depois pelas suas palavras, que resulta na expansão de si mesmo, só possível através dum pouco de destruição criativa do eu anterior. Acho que é uma experiência muito saudável para os humanos, eu mesmo ganhei muita força em tempos sombrios através desse sentimento, de olhar para o trabalho de outros artistas e fazer o meu próprio.

Os teus trabalhos surpreendem a vários níveis: uma técnica tradicional que passou de utilitária a artística; um vidro esculpido que se revela com luz, diferentes camadas para formar uma obra de arte. Escultura + arte vidreira + light design + artesanato e ofício, etc. Vês isto assim, como uma soma de gestos criativos?

Absolutamente. A um nível pessoal, é uma das razões porque esta técnica é tão satisfatória para mim. Envolve a mente e a experiência humana a tantos níveis. Honestamente, é o cerne do motivo pelo qual eu me comprometi como meio de expressão principal, tendo-me interessado por tantos outros antes de aprender a trabalhar com este. A um nível social, há uma história rica do ofício, começando com a ciência do mesmo, passando pela aplicação na publicidade e o seu lugar experimental na arte. Quando pensamos nos ‘ancestrais’ deste ofício, poder-se-ia incluir diversas disciplinas e há tantas comunidades criativas onde ir buscar inspiração, por causa das belas intersecções possíveis com o néon.







FLAWS & RIDDLES

Joana Santos

entrevista por Telma Costa

art direction, styling e fotografia Elisabeth Teixeira @_elisabeth_teixeira_

make-up and hair Sofia Soares @sofiasoaresmakeup

modelo Liz @vitorializn (Face Models Agency)

estúdio de fotografia Cru Creative Hub @cru_creativehub

Agradecimentos: Pedro Alves @pedromiguelfalve

Joana Santos nasceu em 1986 na cidade do Porto. Mestrada em arquitetura, sentia falta do trabalho manual, mais intimista, e do desafio sem limites da criação. Olhou sempre para a joalheria com grande curiosidade e admiração, razão que a levou, em 2013, a iniciar a sua jornada de descoberta e aprendizagem. Em 2015 cria marca em nome pessoal, tendo participado em inúmeras feiras internacionais, parcerias com designers de moda como Carla Pontes e Susana Bettencourt. Em 2019 destaca-se o Showcase com a Moda Portugal na cidade de Paris, o projecto em que participa, com o Museu MAAT e a AORP, assim como o Prémio Designer Revelação 2019 atribuído pela Porto Joia. Em 2021 vê a sua peça Milk, nos finalistas ao prémio Enjoia-T, em exposição no Museu de Design de Barcelona.

Como foi a tua infância e adolescência?

Uma infância muito normal, falo de uma normalidade que talvez já não seja uma realidade hoje, passar horas com os vizinhos a brincar na rua, esfolar joelhos, resumindo as memórias são essencialmente de muitos momentos positivos de entretenimento.

Quais são as tuas maiores qualidades e defeitos?

As qualidades que poderão ser as mesmas que os defeitos, sou extremamente focada nos meus objectivos, persistente e exigente. A teimosia será o maior deles.

O que mais gostas de fazer nos teus tempos livres?

Ler, ver exposições, estar com os amigos, caminhadas junto ao mar e fotografia, apesar de não saber nada sobre ela. Gosto de captar o meu olhar sobre as coisas, de forma mais exaustiva, a todas as formas de sombra.

Como surgiu o amor pela joalheria?

Esteve presente, em parte transmitido pela paixão da minha mãe pela área. Tenho presente ao longo da minha vida, da procura dela por peças distintas de joalheria, e da inexistência de oferta em Portugal. Recordo-me de uma visita a Paris, e do fascínio das duas a consultar um livro de joalheria contemporânea no Pompidou.

Já em idade adulta o olhar curioso sobre esta área sempre esteve presente, e no final de 2012, aquando da ida para o Rio de Janeiro, para trabalhar em arquitectura, após o contacto mais próximo com alguns joalheiros brasileiros, a ideia de aprender sobre esta arte tornou-se algo palpável.

Há alguma outra vertente da arte com que também te identifies?

São tantas, gostava imenso de tocar cada uma delas, pintura, escultura, fotografia, musica, moda etc. Espero num futuro próximo, conseguir aliar a joalheria com as mais diversas formas de expressão artística. Criar um novo espaço, trazendo essas dimensões para a joalheria.

Onde vais buscar inspiração para as tuas peças?

No início da minha jornada, a influência da arquitectura era muito notória, a geometria estava sempre presente. Ao longo destes 7 anos de marca, sinto que a joalheria se tornou uma forma de expressão, e como tal, a inspiração não é algo monotemático, muito pelo contrario, muito divergente. Tudo o que me rodeia, corpo humano, o espaço físico, memórias, objectos, um poema.

E para ti, quem são, os artistas na área da joalheria que usas como referência? E porquê?

São tantos os artistas com um trabalho admirável no nosso País, que vou enumerar apenas portugueses. Desde Leonor Hipólito, Carla Castiajo, Teresa Milheiro, Ana Albuquerque, Paula Crespo, Tereza Seabra, Manuel Vilhena, Carlos Silva, Teresa D'Antas, Liliana Guerreiro, entre tantos outros que são verdadeiras inspirações no processo de pensar a joalheria contemporânea.

Qual foi o maior desafio que tiveste na tua vida profissional?

Talvez o maior em questão de gestão de tempo terá sido o trabalho que fiz para as montras das lojas THE Design nas cidades Porto e Lisboa. Redes feitas em tear com mais de 3 metros de comprimento num curto espaço de tempo.

Acredito que te identifies com todos os teus trabalhos, mas há sempre aquele que ficará para sempre guardado no coração. se tivesses que escolher um, pelo seu significado, qual seria?

Por norma os projectos/parcerias que faço com outras pessoas são sempre muito especiais, posso enunciar um muito recente que me deixou completa, a parceria que fiz com a Editora Sr.Teste para o lançamento do livro Dialogos de Marguerite Duras e Jean-Luc Godard.

Qual foi a tua maior conquista profissionalmente?

Essa conquista é diária, a maior de todas que é manter a marca em movimento.

Que mensagem deixarias para as pessoas que estão a ingressar na tua área?

Nunca interromper a aprendizagem, penso que nesta área é possível aprender até ao fim da vida. Não estagnar, abrir horizontes a outras técnicas e áreas artísticas, ser critico, ser inquieto, ser distinto.

Se não fosses joalheira, o que serias?

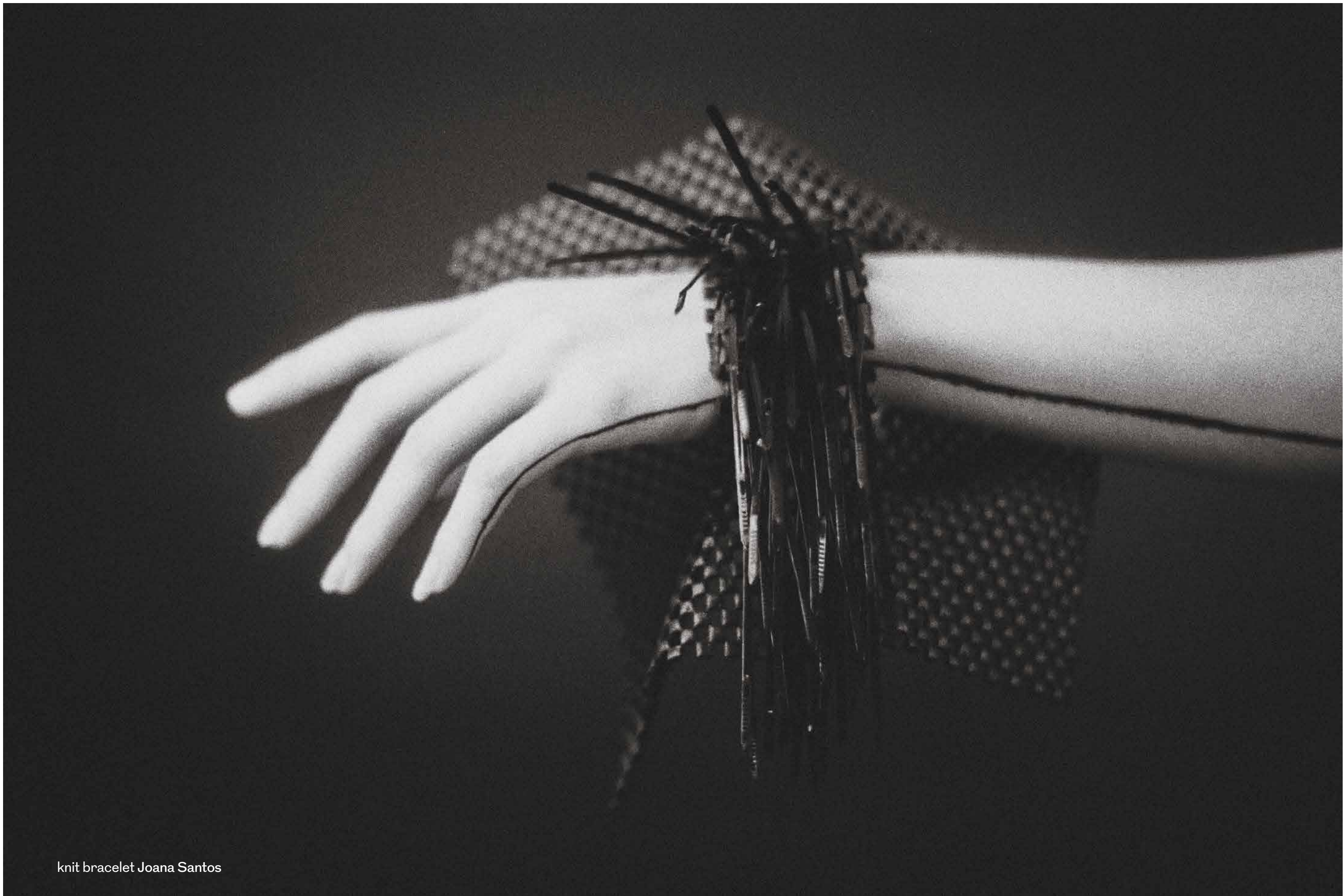
A minha formação base é em arquitetura, caso não me tivesse aventurado em joalheria, penso que estaria ainda nessa área.

O que podemos esperar da joana no futuro?

Espero que o futuro me permita experimentar muito mais, indo de encontro a um trabalho mais conceptual.

bra Maria Carlos Baptista e Inês Manuel Baptista
pants Davii
knit jewelry Joana Santos





knit bracelet Joana Santos

corset&pants Maria Carlos Baptista
Inês Manuel Baptista
knit jewelry Joana Santos





dress Carolina Sobral
knit jewelry Joana Santos



dress Davii
knit bracelet Joana Santos



knit bracelet Joana Santos



dress Davii
knit jewelry Joana Santos



knit jewelry Joana Santos
pants Maria Carlos Baptista
flowers Menez



VIRTUAL GARDEN

texto Maria São Miguel

Numa coleção ousada e criativa, a Virtual Garden da Tous realça a nova imagem da marca explorando a individualidade e a alegria através das suas peças. Esta coleção inspira-se em formas orgânicas observadas na natureza propondo silhuetas de animais e de plantas como inspiração. No seu conjunto, a Virtual Garden que conta com anéis, pulseiras, colares e brincos, é uma visão urbana para uma geração que procura uma maior comunhão com a natureza.



BIRKENSTOCK

texto Maria São Miguel

A marca alemã BIRKENSTOCK uniu-se a stylists e artistas da cultura urbana numa campanha que demonstra como as comunidades locais de artistas e tastemakers moldam o streetwear contemporâneo. A campanha de outono/inverno 2022 centra-se em embaixadores internacionais cujo estilo combina a arte da funcionalidade com o extraordinário craft – aspeto fundamental em cada produto icónico da BIRKENSTOCK. Uma comunidade que não está vinculada a tendências e que usa autenticamente a marca alemã. Os criativos Masha Schubbach, Olivia Jankowska, Bernard Koomson e Nehjat Ramoth foram fotografados em Londres e Berlim, com modelos icónicos da marca como os Arizona, Boston, Kyoto, Zürich e Arosa. Na próxima estação, os modelos BIRKENSTOCK continuarão a privilegiar o conforto e o craftsmanship, com um novo foco na nova geração do street style que defende a sustentabilidade e a qualidade como valores chave.



TREK

texto Maria São Miguel

A TREK é uma das marcas de bicicletas mais prestigiadas e conta com 50 anos de história estando representada na mais alta competição. A pensar num consumidor urbano e amador apresenta agora dois modelos elétricos que vão facilitar o dia a dia de qualquer utilizador. Ao contrário da maioria das bicicletas elétricas existentes no mercado, a FX+ é um modelo leve e acessível a todo o tipo de ciclistas, que permite circular com facilidade em qualquer percurso urbano, seja em deslocações para o trabalho ou em lazer. Este modelo permite ainda transportar os essenciais para um dia de trabalho, graças ao seu porta-bagagens traseiro, acessório que vem incluído juntamente com luzes e guarda-lamas, para uma viagem segura. Para os que procuram uma opção urbana preparada para uma boa aventura no meio da natureza, a TREK desenvolveu o modelo Dual Sport+, uma bicicleta elétrica desenhada para circular com facilidade em piso pavimentado ou em trilhos ligeiros. Graças aos pneus mais largos e estáveis do que uma bicicleta convencional, a passagem de um piso alcatroado para um trilho no meio da serra não será um problema. A TREK está no caminho para construir um mundo melhor, mantendo-se fiel às suas origens e heranças, sendo a única marca internacional de bicicletas que ainda pertence à família fundadora.



↑ FX+
→ Dual Sport

H24

texto Maria São Miguel

A Hermès regressou em 2021 ao universo das fragrâncias masculinas em com o novo H24. Na altura Christine Nagel explicou que era um perfume que desconstrói o estereótipo masculino e que seguia caminhos menos previsíveis, afastando-se do convencional amadeirado”. Agora no final de Agosto estenderam a linha apresentando três produtos exclusivos para cuidados de pele onde alta tecnologia se misturem com produtos naturais para dar uma melhor resposta ao homem moderno.



Eau de Parfum H24

A primeira nota aromática e vegetal da fragrância é a sálvia-esclareia com tonalidades de feno e de relva cortada sobre uma base âmbar ligeiramente animal e distinta. É esta nota que se expressa do princípio ao fim do perfume. Mas há mais. Christine Nagel juntou-lhe ainda o narciso, um botânico selvagem que desafia a fragilidade, e que para além do já conhecido lado verde, fresco e disruptivo, exala algumas recordações noturnas de tabaco. O narciso, estilizado e desconcertante, confere ao perfume não só elegância mas ainda a patina de um clássico. A terceira peça do puzzle é a essência de pau-rosa, extraída de uma árvore selvagem da América do Sul, nomeadamente do Peru, e que aporta uma frescura vegetal simples e natural. A fragrância encerra-se com uma molécula do futuro: o esclareno. Verde e terroso no início, este corpo aromático desenvolve muito rapidamente as suas sensuais notas de ferro quente e confere à composição a sua vibração metálica, estabelecendo a ligação com o universo do pronto-a-vestir masculino da Hermès, evocando o aroma inebriante das oficinas. Este novo H24 é, pois, um perfume vibrante, sensual e luminoso, com a dose certa de descontração.



Creme Facial Hidratante e Energizante H24
Uma fórmula antioxidante e antipoluição, que protege a pele das agressões externas, constituída por 97% de ingredientes de origem natural.



Spray Facial Antipoluição Energizante
O musgo vegetal presente na sua fórmula cria uma barreira natural de proteção para que a pele possa adaptar-se às diferentes mudanças ambientais. 93% de ingredientes de origem natural.



Sabonete para o rosto, corpo e cabelo
Enriquecido com óleo de amêndoas doces, é um sabonete ultra nutritivo que tonifica e limpa sem secar a pele. 97% ingredientes de origem natural.

AYA



A TRANSMUTAÇÃO DA DOR

Texto Sofia Seixo Garrucho

Aya, artista natural de Manchester, lançou em outubro de 2021 “im hole”, o seu LP de estreia, com selo Hyperdub. A artista apresentou este álbum no festival MUPA, em Beja, no passado dia 24 de junho e a PARQ esteve à conversa com ela, após a sua sublime performance.

Após a atuação de Manuel João Vieira Trio, Aya anunciava o início de uma noite que ficaria demarcada pela vanguarda eletrónica, claro, à exceção do primeiro concerto. Trazia a sua maquinaria, onde começou por criar uma atmosfera de suspense com sonoridades de Ambient e Drone, sobre as quais começava a declamar poesia auto-biográfica com a sua voz sintetizada. Ouvíamos “me more” repetidamente e percebíamos que nos encontrávamos perante alguém que procurava dar mais a si.



“Red or blue...” quereria a artista mencionar os comprimidos de “Matrix”, que nos dão ora a verdade (e consequentemente a dor que lhe é inerente) ora a ignorância (que nos permite viver de forma mais feliz)? Não. “Red shoes or blue shoes”, será apenas uma dúvida circunstancial que todas as pessoas têm e que, por vezes, nos tira demasiado tempo de vida? “And don’t forget to breathe”, nota importante para a sobrevivência, assim como usar os sapatos certos para o outfit que estamos a usar.

“Tik tok, tik tok” o tempo passa e a cantora marca-o. Entrávamos coletivamente num ataque de ansiedade com indícios de psicose: “they say the clock is right twice a day”. “Last year I came down from a hole with a broken thumb and a note on my phone. Four words: the vibe had changed”, este buraco sabemos que é um k-hole, depois de a artista relatar à Metal Magazine, aquando lançamento do seu álbum, que este se debruçava sobre ketamina, depressão e sexo debaixo do mastro Emley Moor. Continuava intercalando as questões anteriores [“me more” e “red shoes or blue shoes”] com risos delirantes. Por fim “hello, everyone, and welcome to the show”.

A batida começa a ser cada vez mais presente e a sua voz menos perceptível, entre tarolas, 808s e percussões eletrizantes. Contudo, conseguimos perceber que fala duma relação falhada, onde é vítima de gaslight. As texturas que cria nas suas composições são o resultado de anos de trabalho. Aya contou à PARQ que começou a produzir muito cedo, pois o seu pai tinha um computador em casa com programas de produção quando ainda era criança. Os softwares de produção musical fizeram parte do desenvolvimento da artista e já com 7 anos brincava no Fruity Loops. Aos 14 anos, após já ter passado anos a tocar instrumentos acústicos, aventurou-se na produção de música eletrónica e cerca de 3 anos mais tarde percebeu que era a isso que queria dedicar a sua vida.

Também declara que atua desde muito cedo. A sua mãe é atriz, assim como o seu pai, tendo por isso entrado para o mundo da representação aos 8 anos. Desta forma, sente-se bastante confortável em palco. E conseguimos perceber isso na sua performance. Aya vai conversando com o público ao longo do concerto e quando está a tocar a “OoB Prosthesis”, salta do palco para junto do público e canta-a viajando pela plateia.

Estas “vinhetas autobiográficas” surgem sempre em instrumentais bastante diversificados. Com um carácter de Deconstructed Club intrínseco, tanto encontramos laivos de Ambient e música concreta, como ouvimos batidas de Footwork, UK Garage e Dub, não terá sido ao acaso que este LP foi escolhido pela Hyperdub. É, sem dúvida, um dos mais intrigantes trabalhos de música eletrónica experimental lançados em 2021 e uma atuação que todas as pessoas devem ver pelo menos uma vez na vida, pois ninguém sai dum concerto como este indiferente ao que ali se passa e se diz. E quem não pôde ver Aya no Festival MUPA, terá uma segunda oportunidade em novembro, no Mucho Flow, em Guimarães.



SOUS

BORDADO MADEIRA EM LUA DE MEL

texto por Marta Vieira
fotografia Óscar Vieira
coleção "Saudade do Futuro"
make-up Érica Sousa
hair Nina Machado
modelos Constança Quintal (4Affection Agency)
e Vitória Gouveia

Agendámos esta entrevista por WhatsApp para uma segunda-feira à tarde. Mariana Sousa acabou de vir da praia. Está em Porto Santo para três dias de quietude, antes de regressar ao Funchal, cidade natal onde irá produzir a próxima coleção da Sous, marca que criou em 2014, com 24 anos. Depois voltará para o Rio de Janeiro, onde vive agora – lá iremos – não sem antes passar por Lisboa. Aquando deste texto está, contudo, em Paris. É assim que a percebemos, cheia de mundo e com muitos universos dentro de si. Há uma sensibilidade artística que se nota e uma doçura no trato que cativa. O que mais sobressai é mesmo a confiança.

Nem sempre foi assim, confessa-nos ao recordar uma adolescência com pouca autoestima. Na escola, as roupas criadas pela mãe tiveram um papel fundamental. Eram únicas e faziam-na sentir-se especial. “Nasci no meio da costura. A minha avó era bordadeira e as mulheres da minha família costureiras”, conta com orgulho, acrescentando que desde cedo soube que queria ser designer e ter o seu negócio.

Anos volvidos, e através da Sous, também ela tem oportunidade de criar modelos exclusivos e irrepetíveis. Não há duas peças iguais, o que gera simultaneamente encanto e desconsolo. A autenticidade é fulcral, seguida do respeito pela tradição, num perpetuar de vida de técnicas artesanais em risco de extinção. Tem-se o tricot, o croché e claro, o bordado Madeira, em tecidos como o linho, o algodão e a seda, provenientes de dead stocks e viagens ao Peru, Colômbia e seus vizinhos. “Gosto de trabalhar materiais com história. E com pessoas genuínas, sem filtros”, conta sobre o grupo de artesãs locais que compõem a equipa da Sous, incluindo a mãe e a avó.

O cunho regional é inegável. Foi na ilha da Madeira, também ela singular nos seus recortes e paisagens, que se afirmou. Primeiro num espaço aberto aos transeuntes, e agora em *atelier* privado. “Adoro estar aqui, as pessoas já me conhecem, mas faltava-me algo. Chega a uma altura em que queres acrescentar mais e sentes que não estás no lugar certo”, acenamos em concordância. “Costumo dizer que, muitas vezes, a vida tem planos melhores que os nossos”.

Agora, admite viver uma lua de mel com a Sous. Uma aventura entre o Rio de Janeiro e a Madeira, com o carioca da gema que conheceu na Costa da Caparica. “Fechei aquele livro e abri literalmente um novo”, afirma, mantendo “nada disto fazia parte dos meus sonhos, mas percebi que havia um enorme espaço para expandir a minha marca no Brasil”. Ali perde-se e encontra-se a toda a hora. Acorda e vai para a rua procurar fábricas, tecidos, retalhistas. “Estou a começar do zero. Não conheço ninguém” conta e, no entanto, já tem a primeira costureira, “uma senhora na casa dos setenta, casada com um português e de mãos perfeitinhas”. Quer levar o bordado Madeira mais longe e trazer outras mestrias consigo, num câmbio artesanal e cultural.

“É um país de contrastes, muito como vejo a minha marca. O mesmo para a mulher que veste Sous. Imagino-a delicada, mas também atrevida. Tímida, mas que entra a matar se necessário. Um bocadinho imperfeita e está tudo bem”. Uma forma romântica de estar que se revela através de rendas, transparências e cortes femininos. Apesar da sua formação – licenciou-se em Moda e Design Têxtil na turma anterior à do criador Luís Carvalho, tendo sido aluna de Alexandra Moura – rege-se sobretudo pela intuição. “Não penso muito no processo. É o meu reflexo, a marca sempre foi o meu reflexo”. Como a coleção “Saudade do Futuro” [nas fotos] onde procurou escolher gentilmente a matéria prima, com peças impregnadas de memórias e desejos, no entanto sem tempo definido. “Esta coleção é uma saudade do que ainda não foi vivido. De algo que ainda não sabemos o nome”, desvenda sobre este projeto passado do qual tem muito carinho.

No momento, está a finalizar um vestido de noiva. Não é o seu primeiro, mas também não aceita todos os pedidos, “tem de haver química”. Segue-se a nova coleção a apresentar no final de outubro na Moda Madeira. “Em princípio 12 coordenados, de uma mala que trouxe cheia de material e com muita influência da América Latina”. Sentimo-la feliz. Questionamos se será isto o verdadeiro sucesso. “É engraçado, nunca pensei muito nisso. É como ter de explicar o óbvio. Sucesso para mim é estar em equilíbrio, estar bem e em paz com o meu coração, poder criar e saber que as pessoas adoram o meu trabalho”, reflete devagar, concluindo “no Brasil, as coisas estão-se a dar, estou a conseguir criar uma harmonia maior do que aquela que tinha planeado, então acho que sim, que isso é sucesso. E ainda aqui vamos...”









SHIRIN NESHAT

ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE

texto por Francisco Vaz Fernandes

Em exílio forçado, Shirin Neshat é uma artista iraniana que vive nos EUA desde os anos 70 porque o seu país de origem tornou-se um lugar dominado por um regime teocrático onde é interdito quem nele deslumbre a liberdade. Com 65 anos, a artista, consagrada com prestigiado Leão de Ouro na Bienal de Arte de Veneza (1999) e premiada no Festival de Cinema de Veneza (2009) foi durante anos a voz da contestação ao regime político vigente no Irão que restringe as liberdades das mulheres, e não cumpre princípios básicos consagrados na carta dos direitos humanos. A sua voz torna-se novamente pertinente quando o novo governo iraniano de Ebrahim Raisi, volta a mostrar uma versão mais musculada do regime, mais controlador das liberdades, do qual, Mahsa Amini, uma jovem de 22 anos, acusada pela polícia dos costumes de usar de forma imprópria o véu, foi a sua última vítima.

Não é por acaso que o reconhecimento internacional de Shirin de Neshat se dá nos anos 90 após o período de governação de Aiatolá Khomeini quando o regime agudizou o seu carácter ideológico, moldou os costumes, aplicando o regime punitivo que conhecemos hoje. As temáticas abordadas por Neshat alimentam-se desse contexto de opressão, especialmente dirigido contra as mulheres, desenvolvendo problemáticas que ganham atenção no mundo livre.

Shirin Neshat começa o seu percurso em 1974 quando foi enviada para os Estados-Unidos, um pouco antes da Revolução Islâmica iniciar a sua marcha depondo o regime autocrático de Reza Pahlavi. Neshat frequentava então a Universidade Berkeley na Califórnia e é a partir do estrangeiro que vai recebendo notícias sobre o processo de radicalização que a revolução vai ganhando no seu país, facto que a impede de retornar ao ceio familiar. O seu regresso faz-se duas décadas mais tarde, tendo encontrado um país que lhe era estranho, vivendo então, um sentimento de duplo exílio. No seu país, encontra legiões de mulheres cobertas pelo chador segundo os preceitos

impostos pela lei islâmica de 1985. São mulheres militarizadas, chamadas a combater pela revolução, tornando-se, na perspetiva da artista, peças de uma vontade coletiva que lhes nega qualquer individualidade. Armadas e cobertas de negro estas silhuetas femininas tiveram um grande impacto no imaginário da artista, passando a ser a principal fonte do seu trabalho artístico.

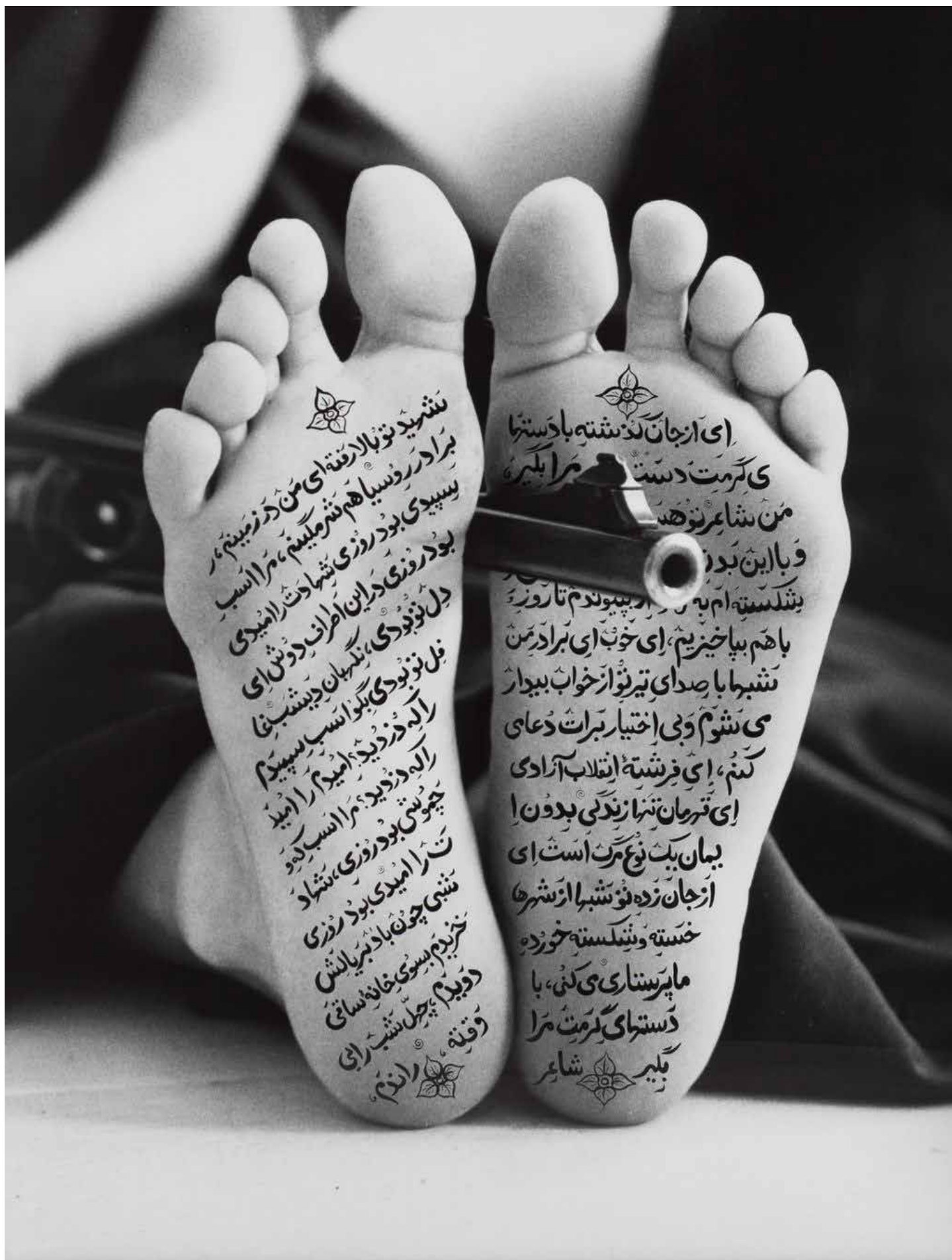
Na sua primeira série fotográfica de relevância internacional, *Women of Allah*, Neshat começa a fotografar-se cobrindo-se com o chador. À composição são associadas armas, assim como textos do Corão inscritos nas únicas partes descobertas do seu corpo. O rosto e as mãos, o que é permitido estar descoberto, surge então como os lugares de constante inquirição e campo de trabalho por excelência. As imagens de Neshat, transformam-se assim, em versões das mensagens panfletárias do regime que apelam à participação da mulher na guerra santa ao mesmo tempo que as condenam à sua submissão e anulação.

A artista procura através dessas encenações fotográficas a recriação de uma realidade questionando as implicações físicas, emocionais e culturais a que estão sujeitas as mulheres do Irão. A sua fotografia, pelas suas características permite ao público uma certa proximidade com o real. São imagens ficcionais que demonstram o seu carácter construtivo que segunda a artista tem o poder de questionar uma outra ficção que sustenta o regime teocrático que tem por base uma reinterpretação abusiva da lei islâmica que visa a sujeição de parte da população. As encenações Shirin Neshat convocam um real, propondo passagens do Corão inscritas no corpos em contradição aberta com as interpretações fixadas pelas leis do Islão no Irão.

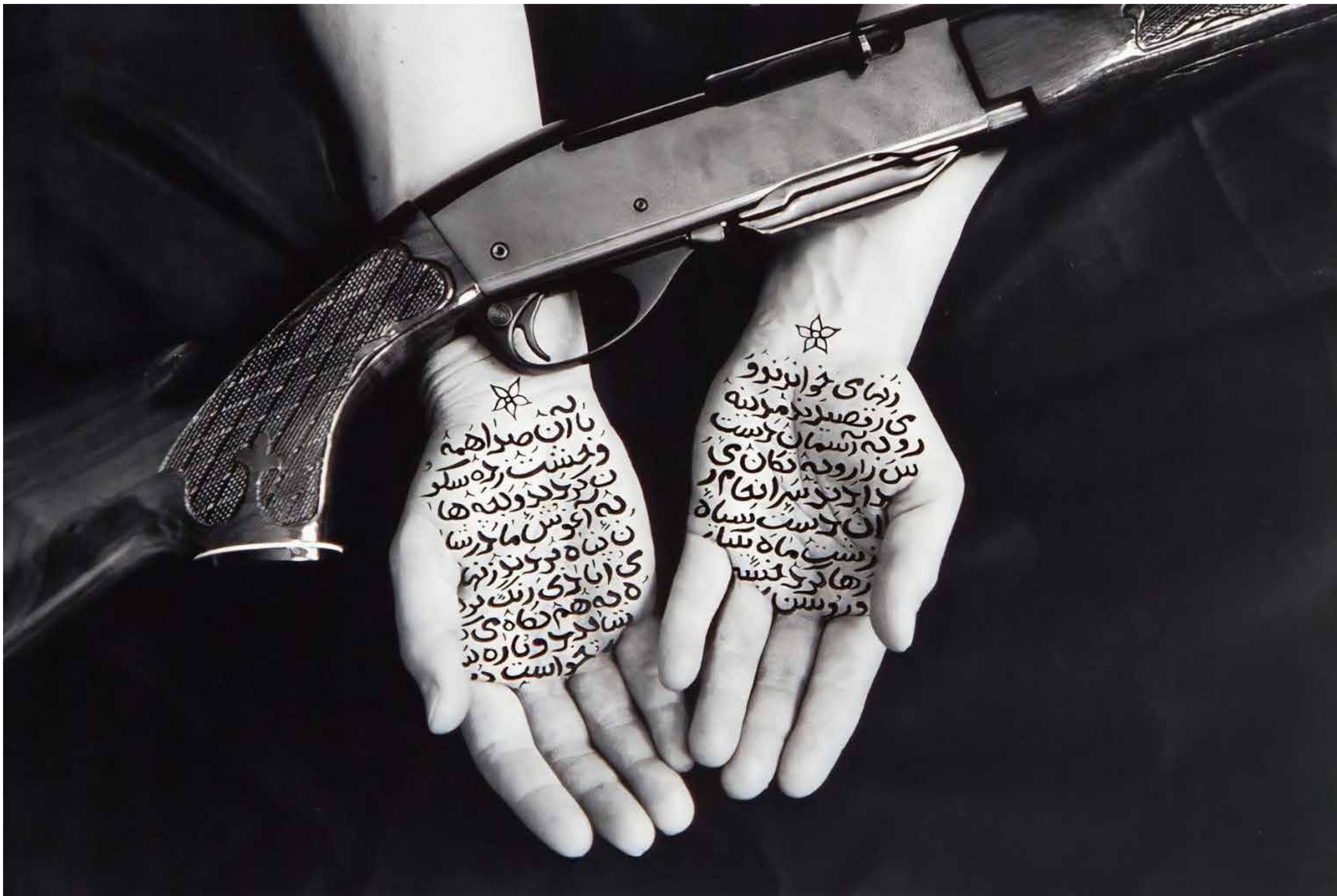
Para Shirin Neshat toda a obra de arte é uma arma política porque nasce de uma consciência do lugar do artista no mundo. O seu exílio instigado pela falta de liberdade que se vive no seu país faz com que o seu trabalho se refira frequentemente à tirania, a opressão e a injustiça política. Depois de *Womens of Allah*, Neshat enfatiza esses mesmos temas em video-instalações. *Turbulent* (1998) *Rapture* (1999) e *Fever* (2000) foram os primeiros vídeos que realiza onde examina a questão do género e da sociedade, especialmente sobre os prisma das leis islâmicas que restringem a liberdade da mulher.

Em *Turbulent* (1998) põem em destaque a diferença performativa de um homem e de mulher. O homem canta para uma plateia só de homens que o aplaudem em reconhecimento da vivência de uma cultura popular própria, enquanto a mulher mais livre procura soltar-se das linhas melódicas da canção popular. Esta mulher improvisa perante uma plateia vazia mas, ainda assim, é como se a sua voz conseguisse quebrar o espaço confinado que lhe era reservado. Homem e mulher criam uma metáfora musical poderosa inerente aos papéis do género, poder cultural e injustiças praticadas pelo governo iraniano. Com este trabalho, mais do que ícones de opressão, as mulheres representadas por Neshat procuram ser indivíduos complexos com desejos e ambições.

No conjunto o que esperamos das fotografias e vídeos de Shirin Neshat é uma abordagem a questão da liberdade individual sobre o ataque da opressão das ideologias sociais. Por isso o seu olhar 'outsider', crítico do impacto que o rigor da lei Islâmica tem sobre as mulheres iranianas no seu dia-a-dia torna-se novamente relevante.



Shirin Neshat, Women of Allah, 1994-1997, fotografia



Shirin Neshat, *Stories of Martyrdom*, 1997, fotografia

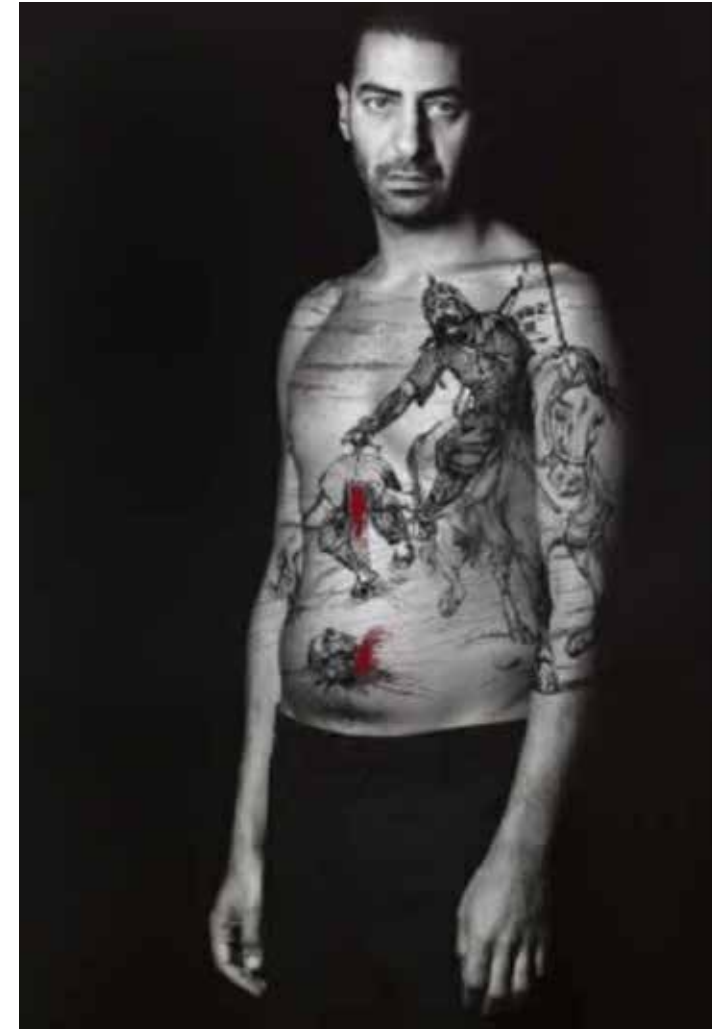


Shirin Neshat, Rapture, 1999, vídeo





Face to Face with God (1995), fotografia



Shirin Neshat, Bahram from the Book of Kings (2012), fotografia



VALÉRIO ROMÃO

Entrevista por Patrícia César Vicente

Valério Romão, o escritor e poeta nasce em França no ano de 1974. A escrita que se inicia na adolescência ganha consciência no ano 2000 ao ganhar o concurso de Jovens Criadores. Hoje em dia tem 8 livros publicados em Português, conta com 3 livros traduzidos, e foi indicado ao prémio Femina estrangeiro. Têm sido anos de escrita colocada em prática, da partilha de visão, e de principalmente de emoção. A honestidade para com quem lê, e com aqueles com quem se cruza são de admirar. Tanto ou mais, do que o talento evidente e natural que nos trouxe até esta entrevista para a Parq Magazine.

Nasceste em França, és Licenciado em Filosofia, ganhaste três vezes o Concurso Nacional de Jovens Criadores. Ano 2000, 2001 e 2002, e ainda bem que tu paraste de participar em 2002 porque ias continuar a ganhar no ano de 2003, 2004, 2005...(risos)

Não, eles já não me deixavam participar mais, já me diziam que também já não podia ir na viagem à Grécia(viagem associada ao concurso), e então eu disse-lhes que era melhor deixar de participar...E deixei mesmo de participar, de facto.

Quando deixaste de participar, aquilo deve ter sido um alívio para as outras pessoas. Há que dar a oportunidade aos outros também. E agora...a Filosofia, a informática, a prosa e a poesia. Como é que foi o teu percurso?

Claramente diria que foi uma mistura das quatro coisas. No sentido em que eu comecei muito cedo a interessar-me por Filosofia, não percebendo quase nada da Filosofia e do meu interesse. Assim uma coisa meio adolescente, nublosa, mas que me parecia ser uma área interessante. O suficiente para eu aplicar alguma da minha curiosidade e usar o meu tempo livre a estudá-la. A poesia surge mais ou menos na mesma altura. Namoradinhas ou pessoas de quem eu comecei a gostar com 14, 15, 16 anos e verifiquei que eu era uma criatura bastante tímida e que o meu veículo mais imediato de cristalização daquilo que eu estava a sentir era de facto escrevê-lo como muitos adolescentes o fazem, e ainda muitos adultos, suponho eu. A informática era aquela coisa que eu achava que ia seguir quando eu fosse grande, portanto entra tudo mais ou menos na mesma altura por razões diferentes.

Como é que surge o teu primeiro livro “Autismo” em 2012 pela Abysmo?

Eu tive um filho, tive na faculdade, uma licenciatura e o começo de um doutoramento, e tudo enquanto trabalhava ao mesmo tempo. Trabalhava numa junta de freguesia na área da informática, e a vida de casal, ou seja, aquela coisa do trabalho-casa, tomar conta do Guilherme, etc. Era uma vida em que não havia espaço para eu escrever. Nem a nível de tempo, nem a nível de espaço mental. Portanto, eu estive quase dez anos. Desde os meus 26, 27 anos até aos meus 35 sem escrever. E o livro “Autismo”



surge no final dessa relação de casal, em que eu estou simplesmente a tentar escrever um conto, que é exactamente o primeiro capítulo do autismo. E percebo quando estou a acabar de escrever aquele conto, a ver se ainda tinha alguma coisa para dizer, se a técnica estava lá e chego ao final daquele conto e digo “Isto é um romance e vai ser sobre uma situação que me é muito próxima.” O livro em A4 tinha 174 páginas, portanto, foi uma espécie de Epifânia, várias coisas ao mesmo tempo. E a partir daí já não parei mais de escrever.

O que aconteceu a seguir, que foram os livros “O da Joana” e “Cair para dentro”. Estavas à espera de escrever esta trilogia “Paternidades falhadas”?

Sim, eu já escrevi o Autismo, aparece logo na primeira página que seria uma trilogia. Já sabia os temas, ainda não tinha escrito os livros. “O da Joana” foi sendo escrito quando o primeiro livro foi lançado. Em Maio de 2012 eu já tinha alguma coisa escrita, e quando acabou a promoção do autismo eu já tinha o segundo livro pronto.

Uma vez falámos e disseste uma coisa que decorei, e agora para fazer esta entrevista fui ler sobre ti e li outras entrevistas que já deste, disseste exactamente o mesmo, como tal não é nenhum segredo. Tu quando sabes o final de uma história que já estás a escrever, já não te apetece escrever mais.

Eu acho que tenho o dispositivo do leitor quando estou a escrever, ou seja, tu quando sabes o final de um filme ou um final de um livro, provavelmente a tua vontade de o ler já é menor. Há aquelas clássicas pessoas insuportáveis que vão connosco ao cinema e põem-se a adivinhar o final ou já o viram. Eu sinto a mesma coisa quando escrevo. Saber o final de um livro já me tira algum do prazer da escrita.

Dos prémios e nomeações que já tiveste, qual foi a que teve mais significado para ti? Embora daquilo que conheço de ti, tu és uma pessoa que se disserem mal de ti para ti está tudo bem, e se disserem bem de ti, para ti está tudo bem também...

Sim, embora dependa da pessoa que o diz, claro! Como toda a gente, a minha reacção depende do ponto de vista de quem faz a crítica. Depende da seriedade da crítica, da autoria da crítica, da legitimidade. Se for uma coisa que caixa de comentários em que alguém diz “Não prestas para nada” ou um “És genial”, isso passa-me absolutamente ao lado. Críticas mais construtivas, mais assertivas, é diferente. As críticas são necessárias, às vezes estás metido dentro de um mecanismo e não tens distanciamento para ver o que não funciona. Ou então, isto funciona muito bem e perdi isto a meio. Portanto, as críticas são muito importantes. Os prémios dão muito jeito porque é dinheiro, quando tem dinheiro envolvido. É alguma visibilidade que serve para vender mais livros, dares-te mais a conhecer, o que também é bom nesse aspecto. Mas todo o sistema de prémios é muito relativo porque se fores ver a história da literatura daqui a 50 ou 100 anos, já não vamos estar cá provavelmente. Tu provavelmente estarás mas eu não.

Mesmo que esteja, não acredito que me vá lembrar...

Tu vais ver os prémios da década entre 2000 e 2010, foram atribuídos a pessoas que não serão lembradas nem num rodapé de um manual de literatura. O prémio tem essa coisa, sofre do problema do contemporâneo. Não tem a distância que o tempo confere para avaliar de facto o que é importante. Mas dão jeito. Eu só tenho os prémios dos Jovens Criadores e mais dois ou três prémios que não têm importância nenhuma. O prémio Jovens Criadores, o primeiro foi o mais importante para mim, sem dúvida. Porque foi nesse momento em que percebi que os meus pares me estavam a legitimar como sendo um iniciante naquele grupo de pessoas que se dedicam à mesma coisa que é escrever.

Um dia tu disseste que as pessoas ou nascem, ou não escritoras.
Que ninguém aprende a ser escritor. Quando é que tu percebeste
que eras escritor? Foi nesse momento em que ganhaste o concurso?

Eu achava que tinha sido antes, mas isso que te disse de nascer escritor é como as pessoas que dançam ou tocam guitarra, ou como as pessoas que fazem determinada coisa numa área artística. As pessoas podem estar convencidas de uma coisa para a qual não têm grande vocação, não mostram grande técnica. Por isso é que esse prémio foi importante. Eu estava convencido que de facto conseguia fazer aquilo, e depois alguém me disse “afinal até consegui”.

Entre a liberdade criativa e a tradução. Já traduziste Virginia Wolf,
Samuel Beckett... Não é para ti difícil, no sentido em que há o processo
criativo como escritor e depois traduzir não te limita de alguma forma?

É outro tipo de processo criativo. A comparação que te posso dar é esta: Imagina que toco violino, e a Virginia Wolf toca piano e eu tenho que encontrar uma forma com que o meu violino ressoe de uma forma justa é semelhante, minimamente correlacionada com aquilo que ela está a fazer noutro instrumento qualquer. Se bem que aqui o instrumento é em línguas. Tenho que verter para a minha língua do ponto de vista literário aquilo que normalmente já por ser noutra língua é estranho. Há barreiras, e nesse sentido é um acto criativo também. Porque dois tradutores vão fazer duas traduções inteiramente diferentes do mesmo poema, do mesmo livro, da mesma passagem, até da mesma frase.

Se estivesses lá atrás nos anos 90 ou 2000, relativamente
ao teu percurso alteravas alguma coisa?

Eu provavelmente teria tentado não deixar de escrever durante tanto tempo como estive sem escrever, mas era muito difícil, era como dizeres como “tinhas tido esta ou aquela relação com aquela pessoa? Tinhas escolhido este ou aquele curso?” É fácil dizê-lo agora porque o tempo deu-me essa perspectiva. Eu agora estou a dizer que devia ter escrito mais, mas secalhar na altura eu precisava experiência de ficar sem escrever. Em honestidade não te sei dizer, não sei responder a essa pergunta.

De todos os teus livros, o primeiro será sempre o primeiro, ou
surgiram outros que tu disseste: “Eu gosto mais deste”?

O meu livro preferido é “O da Joana”, não é o “Autismo”. Pela razão que o “O da Joana” não é um romance clássico, aborda uma experiência que decorre numa noite. É basicamente um livro sobre nada, no sentido em que não há um argumento. Essa parte agrada-me muito, ter conseguido o interesse do leitor e se mantenha durante aquela experiência. E que as pessoas não o leiam como livro. As descrições que eu tenho daquele livro são que se sentaram, começaram a ler e foi uma experiência. Isso para mim quer dizer que consegui.

Quando é voltas a dar aulas, Valério? (risos)

Devo ter feito um péssimo trabalho porque as pessoas nunca mais me convidaram.

Mas gostaste da experiência? Eu pensei: “Ele
não tem tempo, não quer mais isto...”

Eu gostei da experiência. Algumas pessoas sei que gostaram porque me disseram, mas para outras pessoas talvez não tenha sido o que estavam à espera. Mas isso é como uma relação, há pessoas com quem te dás melhor e há pessoas com quem não te dás.

Participas em outros projectos criativos, uma
vez que tu vais-te desafiando?

Sim, só vale a pena estar nisto se continuares a tentar encontrar outras coisas nas quais tu te divirtas. A coisa boa de tu seres um escritor, ou de estares numa indústria criativa que é mal paga, é de facto poderes-te desafiar de formas que não seriam possíveis se estivesses a trabalhar por conta de outrem, ou a prestar serviços para outrem. Eu tento aproveitar essas coisas para ver quais os sítios onde eu me sinto melhor, os sítios onde eu tinha medo de ir e começo a gostar, o que é que eu faço bem e o que é que eu faço mal.

Não tens medo do erro?

O erro é absolutamente necessário. Não consigo conceber a ausência do erro. Ou és um génio com uma sorte inacreditável, ou vais ter de dar um passo em falso porque tentaste. Se não tentares não dás passos em falso, mas aí...

Viver da escrita em Portugal é impensável, e as pessoas têm de se virar
para outros lados. Antes de mais, acreditas que em Portugal existem
escritores que vivem única e exclusivamente da venda dos seus livros?

Difícilmente. Embora possas ter dois ou três casos que andem lá perto. Depende também do que tu consideras viver. Do que tu consideras ser um orçamento razoável.

O que tu achas que seria necessário mudar em Portugal para
que um escritor pudesse desenvolver e viver da escrita?

Rendimento básico incondicional. Que é uma coisa que mais cedo ou mais tarde terá de abranger muitas pessoas, a automação vai tirar emprego a muita gente, e já que os artistas são um bom grupo de teste podiam começar com os escritores, por exemplo. Que são provavelmente os mais pobres de todos os artistas.

Fica aqui a ideia!

A ideia não é minha, a ideia é da Dulce Maria Cardoso que é minha amiga, e é uma escritora que acho incrível e anda a dizer isto há anos. E eu partilho da opinião dela.

A ideia é ótima, só lamento que provavelmente ela será posta
em prática quando tu ou eu já tivermos noutro plano. (risos)

T-REX

entrevista por Alex Couto
fotografia Maria Rita
fashion Tiago Ferreira
make-up Verónica Zoio

112

full look HERMÈS ↗
MÚSICA



113

MÚSICA

T-Rex, nome artístico de Daniel Benjamim, é um artista musical a viver o que tantos outros desejam para si: um hype enorme, que fez por merecer. Depois de projectos milionários em streams como Gota D’Espaço (2020) ou Castanho (2022) e de duas datas esgotadas no Tivoli, a antecipação paira sobre o seu próximo disco. Vamos ouvir as expectativas de T-Rex acerca de Cor D’Água, mas também vamos conhecer como a versatilidade e a mente aberta são essenciais para ele.

Aliás, vimos como essa postura se revelou durante a sessão fotográfica onde nos encontrámos e onde pudemos conhecer um T-Rex descontraído, com uma naturalidade face às câmaras apontadas para si. Também descobrimos o seu entusiasmo acerca da roupa que ia vestir, o que revelou o quanto as múltiplas inspirações não são um exclusivo da sua música – aproximam-se também da sua forma de ser e de estar.

“Para mim é dope, eu gosto de experimentar cenas novas. Acho que isso também me inspira para o meu estilo do dia. Por exemplo, só por ter feito estas fotografias, já vou ter vontade de experimentar algo diferente. Gosto de estar perto de coisas novas, que me inspirem e me tragam ideias. Essa versatilidade ajuda-me a manter a mente aberta.”

Isto fica muito claro na forma como T-Rex reage com entusiasmo ao que o viewfinder da máquina fotográfica da Maria Rita revela. Apesar de o associarmos a um look moderno e urbano, a naturalidade com que veste um fato ou assume uma peça mais disruptiva revela-nos que o estilo é dele, seja em que estilo for. Obviamente, tento levar esta percepção de versatilidade para a sua relação com a música.

“Eu já sou rapper do feto. A música está no sangue, cresci numa casa de músicos. O meu pai é músico, os meus irmãos são fãs de música e ouviam de todo o tipo.”

É fácil perceber isto a ouvir a música do T-Rex. Se em certas faixas encontramos um rapper que cresceu durante a era mais mainstream do trap, por outro lado encontramos detalhes e sonoridades que acrescentam um colorido diferente, que não só desperta uma audição mais interessante, como nos deixa curiosos com qual será o caminho a ser explorado a seguir.

“Cada um tinha o seu estilo, a minha irmã mais velha e a minha mãe ouviam música tradicional, a minha irmã do meio era Backstreet Boys e a minha irmã mais nova era da Kizomba. O meu irmão curtia mais rap e como dormia no quarto com ele, deve ter vindo logo daí. Cada um do seu estilo.”

Ouvido aberto, mente aberta. Quando conversamos sobre isto, parece que há uma continuidade na forma como T-Rex encara o mundo. A inspiração está em todo o lado e ele tenta manter-se curioso para que chegue até ele. Pergunto-lhe como é que isso se relaciona com o hip-hop, um estilo que durante tanto tempo pareceu ter regras formais e até uma certa obrigação com a dureza da pose.

“Dizeres que és rapper pode ser muito ingrato. Se calhar é mais importante veres-te como um artista. Eu alimento a cultura hip-hop, mas o rap já sofreu uma evolução (assim como toda a música). E essa evolução do rap, ajuda a levar a cena gangster para longe, uma certa postura associada também, é algo que tem de parar de ser colocado numa box.”

Pergunto-lhe se é por isso que o associamos tão rapidamente a um artista que mistura géneros e influências e percebo de imediato que isso não é por acaso. No seu projecto mais recente, Castanho, até na cadeira do produtor se sentou, sendo capaz de contribuir com dois beats.

“Hoje há muitos estilos de rap, há rap que se junta com punk rock. Como tens outros mais soul e mais jazzy como o Kendrick Lamar e o Isaiah Rashad.”

Noutras entrevistas dele, percebi que também não fazia diferenciação entre falar para um público português ou angolano. Há uma paz de espírito na sua singularidade que deve ser uma fonte inesgotável de inspiração.

“Cada um é como é e o rap sempre fez por proteger isso.”

Exacto. E um rapper que defende esta liberdade com tanta naturalidade tem desde logo a nossa atenção. Pergunto-lhe se é por isso que tem tanto orgulho em dizer que não é um artista de singles, mas sim de projectos. Encontro a simpatia de T-Rex na forma como esclarece que estamos numa era de imediatismos e que não critica quem assume a doutrina do banger. No entanto, esclarece o porquê de acreditar na complexidade.

“Isso é o que eu mais gosto na música, ouvir um disco, faixa a faixa e ficar a conhecer melhor um artista. Num single tu só ouves o single. É como um filme, ninguém consegue avaliar um filme só por uma cena. É o conjunto, o todo, que te permite saber a história e apreciar a arte.”

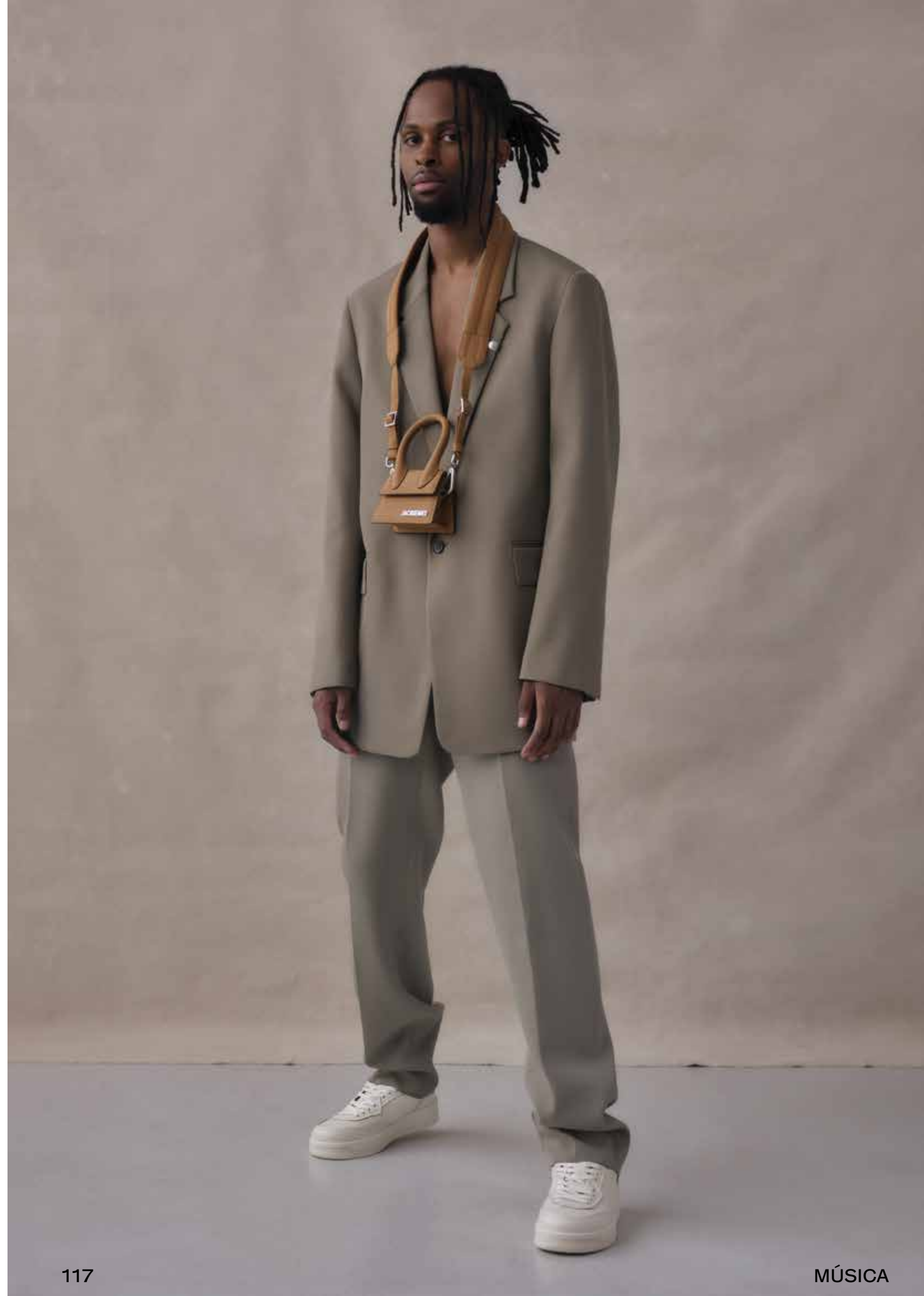
Adoro a metáfora e acho que remata bem o assunto. Só que eu já estou à espera do trailer, quero saber mais sobre o novo disco do T-Rex e tenho a certeza que a curiosidade é geral. Começo por lhe perguntar se também vai ter uma cor associada, como os projectos anteriores, mas isso seria um spoiler alert e não abre o jogo. Diz-me que se vai chamar Cor D’Água, mas não me adianta se vai ser azul-turquesa ou verde-água. Pergunto-lhe o que me pode contar.

“Posso dizer-vos que este vai ser um filme, mas vai ser um filme longo, um daqueles que provoca entusiasmo e antecipação. Estás a ver a Marvel? Este é tipo Avengers Endgame, um blockbuster para toda a gente.”

O entusiasmo é palpável. E faz todo o sentido. Depois de ter tido a música mais tocada em 2021 em Portugal no Spotify, será que repete o feito em 2022? Face ao que conversámos, apercebemo-nos que há uma grande diferença entre falar de mudança e falar de evolução. A mudança pode ser algo importantíssimo, mas é a evolução que nos eleva até ao status-quo. No caso do T-Rex, a evolução não é um conceito abstracto – é a sua realidade.



blazer e calças JIL SANDER
carteira JACQUEMUS
tênis OAMC





trench coat e camisa JW ANDERSON
calças OAMC
botas BOTTEGA VENETA
119

casaco DRIES VAN NOTEN
camisa e calções BOTTEGA VENETA





full look HERMÈS ↑

full look BOTTEGA VENETA ↗
MÚSICA





Adriana: poncho ALVES GONÇALVES

Benvinda: óculos DSQUARED2, casaco MOI MIMI, vestido ANONYME, botas MANGO

Daisy: cachecol LION OF PORCHES, malha ANONYME, colete e calças OTTOD'AME, blazer KOCCA, casaco e botins MANGO

LAYERS FOR FALL

fotografia

Diana Neto @diananetophoto

styling

Mafalda Martins @mafaldaamartins_

beauty

Silvia Ferreira @silviaferreiramakeup

models

@elitelisbon

Daisy

Adriana

Benvinda

Benvinda: casaco Moi Mimi, vestido Anonyme





Daisy: gola alta de pele WRANGLER GANT, gabardine LUÍS CARVALHO,
casaco e calças ANONYME, botas DEICHMANN

Benvinda: bermuda saia, camisa e sobretudo CARLOS GIL,
malha e botas MANGO, meias HAPPY SOCKS

Daisy: gola alta FILA, camisa KOCCA, casaco e saia MARCIANO BY GUESS,
sobretudo de pêlo TWINSET, meias HAPPY SOCKS, botas DEICHMANN

Adriana: gola alta GANT, macacão GAËLLE, blazer LONGCHAMP,
sobretudo GANT, meias HAPPY SOCKS, botas STEVE MADDEN





Berwinda: brincos TOUS, malha SCALPERS, casaco LIVIANA CONTI

Daisy: earcuffs MANGO, malha crop RELISH, body chain dourada
CARLOS GIL, casaco e calças LIVIANA CONTI

Adriana: brincos TOUS, camisa GAËLLE, poncho de malha LIVIANA CONTI





Daisy: vestido LONGCHAMP,
sobretudo ALVES GONÇALVES

Benvinda: camisa RELISH,
vestido LUÍS CARVALHO

Adriana: gola alta LILI SIDONIO, vestido
SCALPERS, gola de pelo LIVIANA CONTI

GENZ

fotografia

Cristiana Morais

styling

Maria Nobre, Raquel Guerreiro

ass. styling

Beatriz Vidal

make-up

Du @thatsdu

ass. make-up

André Fernandes

hair

Eduardo Estebam com produtos L'Oreal Professional

models

Dinis @centralmodels

Inês @m0dernboxes

Hélder Ferreira @blastmodels

Carolina

António Figueira @egotwink

Beatriz Vidal @nextmodels

Filipe Gao @karacteragency

Agradecimento especial ao estúdio Residence Lisbon

vestido camiseiro ALVES GONÇALVES

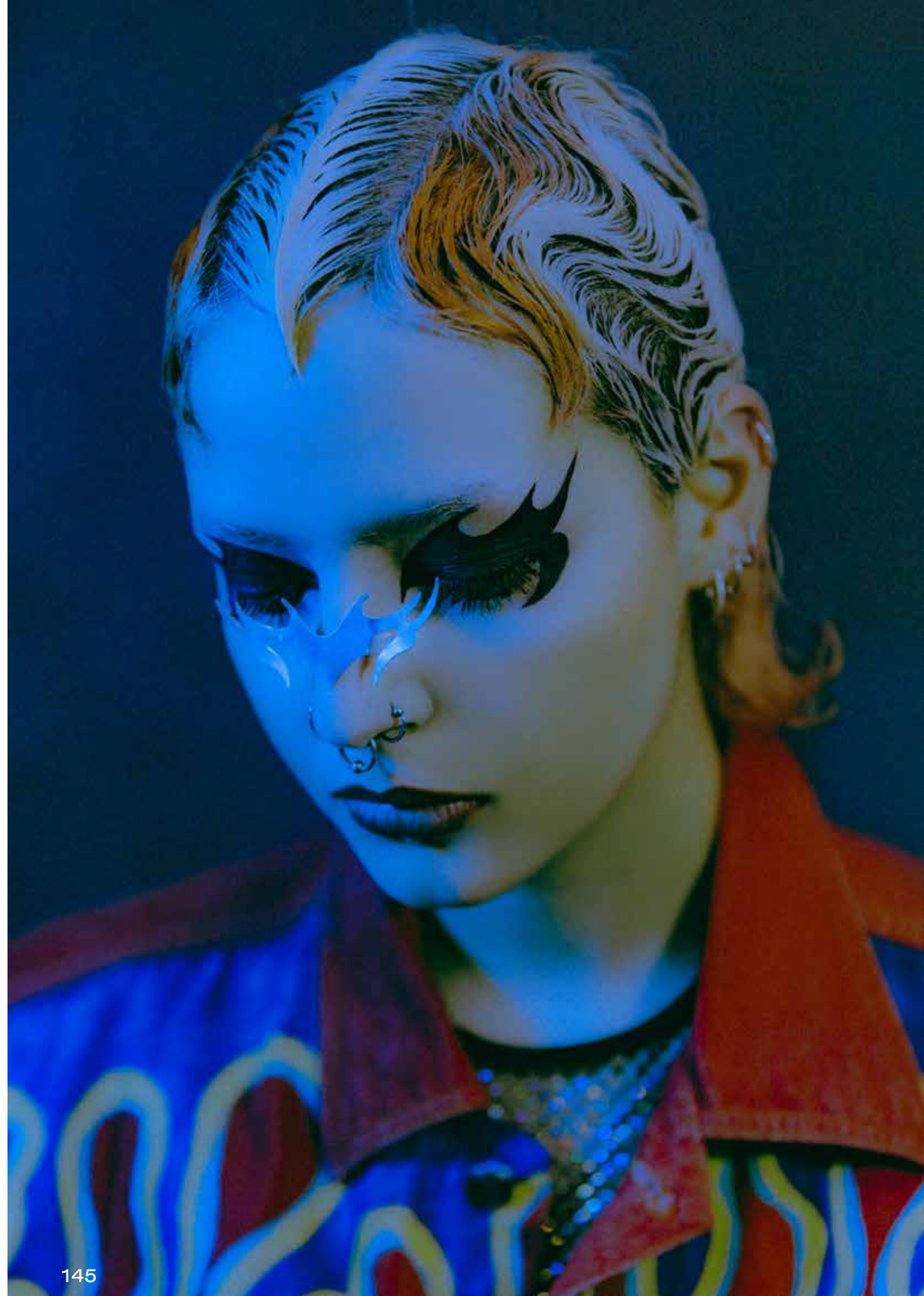




top Dolce&Gabbana (vintage), brincos
Gonçalo Ghira Official, botas Naked Wolf

colete ÀS DE ESPADAS, top em lantejoulas
RELISH, colares SUPERFICIAL

144



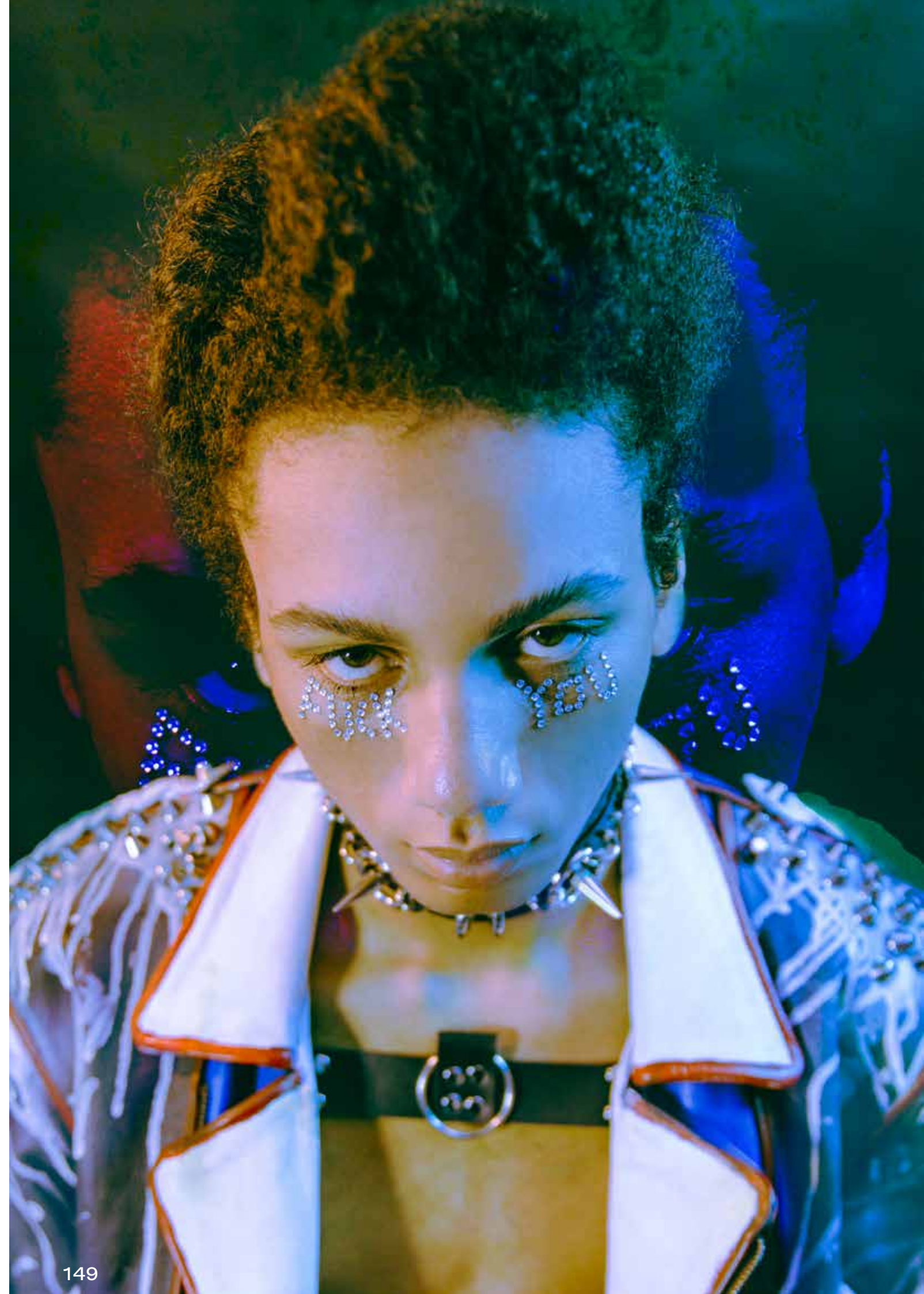
145



casaco e calças TRICOTERAPIA
de CLARA PLECA



casaco ÀS DE ESPADAS





vestido ALVES GONÇALVES, brincos (prego e catana) GONÇALO
GHIRA, brincos (medusa e lua) ADRIANA MOREIRA





head piece e anéis BEATRIZ CORREIA, crop top R, calças AMOR DE LA CALLE





top AMOR DE LA CALLE



noseplattex BEATRIZ CORREIA

PARO
HERE

FOGO

texto Francisco Vaz Fernandes

Apesar de uma estrela Michelin conquistada pelo seu projeto Loco, em Lisboa, Alexandre Silva, não quis estar parado e lançou o Fogo, um novo restaurante com 60 lugares sentados. Nas Avenidas Novas, este novo espaço foi pensado para um público mais abrangente oferecendo um menu cingido a todas as possibilidades de confeção que o fogo permite. É um ponto de partida que podia parecer limitativo em termos de recursos técnicos e sofisticação mas ainda assim é um grande desafio. Há algo primordial, acessível a todos, à partida, mas que ganha mestria e sofisticação no Fogo. Afinal, tudo depende do exercício da experiência e da vontade de ir mais além.



O tema do restaurante é o fogo e por isso não é de estranhar que atravessado o limiar da entrada já estejamos num plano elevado, uma verdadeira plateia com vista privilegiada para o palco. É ali no fundo que tudo parece acontecer com uma equipa que rodopia entre lume e brasas São os verdadeiros atores da noite que executam uma coreografia bem ensaiada. Dominam cinco técnicas que se fazem a partir um forno a lenha, potes de ferro, 'robata' (grelhador), padaria e pastelaria

Apesar da combustão da madeira, não encontramos sinais de fumo contradizendo o ditado, onde há fumo há fogo. Vencido esse desafio, é no paladar que se sente o fumado e é aí que o Fogo acrescenta valor gastronómico a alguns dos sabores mesmo que familiares. Surpreender o palato é o lema e por isso todo o seu entorno não precisa de grandes atavios. Tudo é minimal, mas de forma orgânica com peso e cor, desde os candeeiros incandescentes que serpenteiam pela sala, até à solidez a madeira bruta das mesas.

O Fogo abriu no meio da pandemia e por isso o período de afinação acabou por se estender e só agora conseguem ter um menu de degustação repartida por seis momentos: quatro snacks, serviço de pão, dois pratos principais, sobremesa e café, pelo valor de 80 euros sem pairing. Nele podemos encontrar alguns dos pratos que tornaram-se, entretanto, uma referência no Fogo, como por exemplo, as ostras na



brasa (7 euros 2 Unidades). As ostras passam literalmente pelas brasas ganhando uma textura menos viscosa mas que é compensada por um pesto de ervas verdes que lhes confere uma frescura renovada. O que surpreende é essa mistura com o paladar a fumo. É igualmente um regalo para os olhos. Há opções com a mesma técnica para uma porção de berbigão (12 euros). O sabor é ainda mais intenso e casa-se perfeitamente com um vinho branco fresco, um Página 2020, Arinto de Óbidos.

Quanto aos pratos principais, entre várias sugestões do chef, a opção passou por um peixe que se altera consoante a disponibilidade do dia. Desta vez foi-nos servida uma excelente posta alta de robalo apanhada ao anzol (24 Euros). Embrulhada em envoltentes fatias finas de courgette, levemente suadas e cobertas por um generoso molho de manteiga e alho todo o prato é uma composição de delicadas texturas, onde matéria ganha um carácter de excelência. Visualmente também interessante, passamos de um possível tom de mármore, monótono, para um verdadeiro Pollock pleno de veios esverdeados, avivados pelo escorrimento de um pesto de ervas muito líquido, explicado prontamente, por não engrossar com frutos secos ou queijo como seria habitual. No seu conjunto é um prato surpreendente, guloso e uma boa razão para voltar.

Já referente as sobremesa o mil folhas é obrigatório, mas se quiserem ser mais ousados, surpreendam o paladar uma proposta de morango grelhado na brasa com fava tonka e trigo serraceno.

Fogo
Av. Elias Garcia 57, Lisboa
3ª—Sáb.
12:30—16:00
/ 19:00—00:30
Reservas: 217 970 052
fogo.reservas@alexandresilva.pt



MATIZ

texto Francisco Vaz Fernandes

O Sofitel, um dos hotéis de luxo da Avenida da Liberdade, que hoje já é uma tradição, sentiu necessidade de uma grande reforma que fosse além de uma mudança de decoração de interiores. Passou por toda uma reformulação das funcionalidades e serviços na área térrea. Mais integrada na vida da cidade, o público pode encontrar no novo lobby um acesso direto a uma cafetaria que tem como atração uma pâtisserie muito parisiense que promete ser concorrida à hora do chá. Além disso a zona de bar muda de localização e tal como o restaurante está muito mais atraente. No essencial muito mais claro, com uma decoração a jogar com os contrastes do preto e branco pontuado pelos dourados e algumas cores fortes.

No processo de mudança, o restaurante alterou o nome e por isso o Matiz parte do ponto zero tendo a frente o Chef Daniel Schlaipfer para reformulação total do novo conceito de restauração indo ao encontro do savoir vivre francês da cadeia hoteleira, Sofitel.

O Chef e a sua equipa, desenharam para o Matiz uma ementa sazonal que tem por base uma cozinha internacional de origem francesa adaptada aos produtos locais. Por isso não falta portugalidade na sua ementa. Tal como o chef explica, grande parte do cliente do hotel é estrangeiro e gostam de experimentar pratos portugueses, assim como há um público dos escritórios que também aprecia as opções nacionais, mesmo que reinterpretados e com apontamentos estilizados e uma marca de autor. Por exemplo um prato de bacalhau, uma espécie de meia desfeita enformado sobre uma cama de grelos ganha poesia na mão do Chef Daniel Schlaipfer. Com crosta de pão rolado crocante como manda a tradição, chega a mesa encimado por um tomate cherry e um pimento padrón brilhante dando frescura e cor a um prato que quase parece uma sobremesa delicada. Outro clássico, que podemos encontrar é o magret de pato cozinhado em duas texturas para enriquecer a experiência de degustação. Montado sobre uma cama de risotto e acompanhado por legumes da estação é servido com o molho da cozedura dos sucos da carne para conjugar todos os ingredientes.

No que se refere a sobremesa, destaque para a pâtisserie de tradição francesa. Há como opções o clássico millefeuille, a tartelette au citron, o éclair, só para mencionar alguns. É possível pedir um prato com um sortido especialmente se estiver numa mesa em grupo.



BOA-BAO

texto Francisco Vaz Fernandes

O Boa-Bao, abriu o seu primeiro espaço o Chiado em Lisboa com a proposta de oferecer pratos autênticos do sudoeste asiático. Aproveitam uma lacuna nacional e a proposta cresceu tendo atualmente mais dois espaços, um, na baixa do Porto e outro, em Barcelona. Esse sucesso é temperado por pequenas novidades que se vão introduzindo. Ou seja, para além de um menu com os pratos de sempre que refletem as preferências do consumidor existem sempre mais duas cartas para quem está à procura de surpresas. Apresentam uma segunda carta onde aprofundam a cozinha de uma micro-região do seu universo, e uma terceira a que camam Intransit, que acaba por ser uma adaptação à estação. Ai tanto encontramos pratos que são simplesmente reintroduzidos, como outros que foram sendo experimentados e aperfeiçoados na cozinha e que encontraram o momento de entrarem no menu. Quando referido aperfeiçoamento não significa fusão, o Boa-Bao não procura reinterpretações ou adaptações ao gosto ocidental mas precisamente, chegar a uma autenticidade. O restaurante reflete as viagens e longos períodos de residência dos proprietários no sudoeste asiático e a sua paixão pela cozinha local. Felizmente uma cozinha cada vez mais conhecida pelos portugueses e que continua a despertar curiosidade.

Passando agora para as novidades desta estação. Isaan, no norte da Tailândia é a região em foco. Porque faz fronteira com o Laos tem algumas influências dessa região. É uma cozinha que se caracteriza por ser mais condimentada com mais contrastes de sabores e também mais picante em geral. Começamos com, LARB MOO THOD (8.50 €), umas almôndegas de carne de porco que eram mergulhadas num molho de picante e ácido de tamarino que nos transportou de imediato para outras paragens. Ainda como entrada tivemos SUNDRIED BEEF STRIPS ISAAN STYLE (9.75 €), tiras de carne de vaca marinadas e secas ao sol. São mergulhadas num molho aromatizado com base em soja e acompanhados por alguns legumes. Por fim chegamos ao SOM TAM GOONG (8.50 €), uma salada de papaia verde com camarões. É dos pratos da região, provavelmente o que mais se distingue em originalidade, tendo-se tornado um ex-libris da cozinha tailandesa. É fresco, saboroso, agridoce, perfeito e uma entrada obrigatória que é facilmente partilhada numa mesa entre amigos.

Referente aos pratos principais optamos por PAD MEE KORAT (17.90 €), noodles com cubos de carne de porco caramelizado, uma receita que faz lembrar o emblemático Pad Thai. A marinada do porco aqui é rei, tem um adocicado sabor floral em parte dado por combinação do capim limão e do rosmaninho. Por fim, ainda não consumidos por tanto exotismo, deixamos para trás o creme brulé citrino, a sobremesa emblemática da casa para mergulhar no exotismo do LOD CHONG, uns noodles doces perfumados com pandan uma planta com um sabor adocicado e único. Aqui servido com uma bola de gelado de coco. Sabores muito únicos e diferentes para um verdadeiro aventureiro. Toda a refeição foi acompanhada por um chá frio, a seleção é grande e muito apetecível.

Boa-Bao nunca dececiona e já estamos à espera que a equipa liderada pelo Chef Wattana, nos traga a conhecer outras regiões do sudoeste asiático porque a mudança, também alimenta.



Boa-Bao
Largo Rafael Bordalo
Pinheiro 30, (Chiado) Lisboa
todos os dias
12:00—15:30
/18:30—22:30
T.— 919 023 030

LIGUEM PARA A CÁTIA

*Crónica de
Patrícia César Vicente*
ilustração Effe News

Há uns tempos estava a fazer o guarda-roupa para uma série que ainda não vos posso revelar o nome, ainda não saiu. Mas por agora, o que importa saber é que no meio da azáfama total, absoluta e em 110% das vezes, também caótica tivemos um pequenino problema.

O departamento de arte, criou, elaborou, e depois foi à sua vidinha. Deixando a produção com um menino nos braços, como se costuma dizer. No início até é fácil manter e organizar, mas é na parte do caos, do não há tempo, do tudo e mais alguma coisa nos acontece que o departamento de arte começou a falhar. Lembro-me do desespero das pessoas ao entrarem pelo guarda-roupa a dentro, e de uma forma pseudo-agressiva e com uma ansiedade possível de detectar desde os trópicos e perguntarem: “Temos ali um problema. Tu sabes quem é e onde é que está a responsável da arte?” E eu perante aquele cenário, em que já toda a gente deveria saber que o departamento de arte estava reduzido a nada mais, nada menos do que zero pessoas, dei por mim a responder: “Não sei da Cátia! Fala com a produção para saber se sabem da Cátia!” E nisto, o ser humano ia à sua vida, e eu continuava a vestir os actores.

Os actores perguntavam-me: “Quem é a Cátia? Há aqui alguma Cátia?” E eu respondia prontamente: “Sei lá quem é a Cátia.” E riam-se.

A verdade é que a arte fez-se com a ajuda da Cátia, quer acreditem, quer não acreditem. No momento em que realmente aparecer o departamento de arte toda a gente ajudou. Até eu dei por mim a escolher almofadas e colchas de cama anos oitenta. Até a equipa técnica deu ideias e ajudou a empilhar e desarredar cómodas e sofás. Quando o momento era decisivo havia sempre uma ou mais Cátias para ajudar. E fez-se. Não nas circunstâncias perfeitas, ou ideais, mas a verdade é que certo dia próximo da última semana de filmagens estávamos todos reunidos em set, e começaram a perguntar pela Cátia, a directora de produção perguntava “Mas qual Cátia?”, e o rapaz do som dizia: “Eu não sei quem é, mas dizem que a Cátia é a responsável da Arte”, os actores que iam filmar: “Eu achava que a Cátia era ela”, enquanto apontavam para uma assistente de produção. A assistente acenava que não e a chefe de produção dizia que ela era assistente. Todos incrédulos a olhar uns para os outros pergunta o realizador “Mas afinal quem é a Cátia?” e olharam todos para mim. Respondi: “Sei lá quem é a Cátia, mas tanto me chateram para saber da directora de arte que sempre que me invadiam o guarda-roupa eu dizia-lhes para irem ter com a Cátia, e eles iam.” A conclusão é simples, sempre que lhes dizia para irem ter com a Cátia, eles iam. E depois uns faziam, e os outros quando apareciam para gravar pensavam que a Cátia já tinha feito a parte que lhe competia, e assim sucessivamente até quase ao final das gravações. É óbvio que foi motivo de piada até hoje. Sempre que faltava alguma coisa, as pessoas começavam a dizer “Pede à Cátia”. E assim ficou. Se o fiz de propósito? Nem um pouco. Estava longe de imaginar o desfecho, mas a verdade é que em tudo na vida é assim. Há sempre uma Cátia dentro de nós. Aquele expressão de andar em frente que o chão aparece, é sempre quase certa. Porque mesmo sem as pessoas ideais, sem as circunstâncias que queremos, os astros alinhados, com ou sem Mercúrio retrógrado, com mais ou menos dinheiro, a verdade é só uma: temos de dar o nosso melhor com o que temos e as Cátias brotam à medida que caminhamos. Precisei de algum tempo para parar de me rir desta história e ver o lado romântico, optimista e até poético. Seremos sempre nós a principal fonte de mudança dos nossos dias. E quando não acreditarem de que são capazes, façam-me um favor, liguem para a Cátia.



The word "PARQ" is rendered in a stylized, 3D neon font. Each letter is composed of two parallel lines, one slightly offset from the other, creating a glowing, hollow effect. The colors of the letters transition from a bright yellow on the left to a deep magenta on the right. The background is a complex, multi-colored composition of vertical and horizontal bands in shades of blue, orange, pink, and grey, creating a vibrant, abstract backdrop.

PARQ

follow us

www.facebook.com/parqmag

www.parqmag.com

www.instagram.com/parqmag/